



Geraldo Jesuíno da Costa  
Professor e designer

# A trajetória quadro a quadro: o voo alto de um balão rabiscado por um guerreiro e seu lápis de cor

Se estivesse agora diante de um espelho, no alto dos 69 anos, o que responderias caso te fosse perguntado: Quem és tu? Cara, qual é a tua? Foi operador de máquinas, professor, coordenador, diretor, desenhista... É inquieto, sonhador, comedido e – acalme-se – “útil”. Geraldo Jesuíno da Costa, *oh, yes*, ele mesmo!

O homem que mistura jargões americanos nas falas, coincidentemente ou não, tem traços anglo-saxões até no nome. Geraldo algum dia foi – em um passado distante – Gerwald, nome germânico, o resultado de *gair*, lança, e *wald*, governar. Diz a tradição que aquele que carrega esse nome é um guerreiro forte, que domina com a lança, “o senhor da lança”.

Lança Geraldo não tem. O pacato senhor de voz comedida e andar tímido, é pai de dois filhos e vive na companhia “*forever*” da esposa, em uma casa isolada, tranquila, cercada de jardins bens cuidados, bons ventos e alguns cachorros de estimação. O instrumento mais “violento” dele, e que o fez senhor, líder ou governante de alguma coisa, é um lápis, por vezes, um pincel – é assim na arte, é assim na vida.

Geraldo costuma dizer que nos desenhos reflete acerca de cada traço a ser dado: “Esse traço cabe aqui? Devo apagá-lo?”. Questiona-se incessantemente. Na vida ele parece fazer a mesma reflexão; atrevido, no entanto, ele costuma colocar sempre o traço a mais. Na vida ele é mais sortudo, os traços têm sido certos por quase sete décadas, diferentemente das rasuras que acumula a cada obra, como ele confessa.

O primeiro da família a seguir carreira acadêmica, ele não queria poder ou fama, o que lhe faltava e ele mais buscava era existir, nascer, acordar. Estudar era por simples gosto. Noites e mais noites em claro, espremidas

pela rotina sufocante de trabalhar desde jovem para ajudar na renda da família. Até então não havia espaço para a sacada genial, o olhar criativo, o *insight*. Preso, sufocado.

Um dia ele nasceu, acuado, sentiu. Temeroso, desafiado, incitado a ser mais, a ser melhor, a não ser suficiente. O cara que teve coragem de olhar para si diante de um espelho e perguntar o que ele era, viu algo a altura para ser. Como um guerreiro, botou a faca entre os dentes e foi, avançou, sem olhar para trás.

Aquele que outrora rabiscava super-heróis em calçadas, virou o próprio super-herói, o Super-Homem, o Clark Kent. Jornalista tanto quanto dono de um mundo, o seu mundo, com o destino nas mãos. Com elas criou não só o dele, mas vários mundos: coloridos, acromáticos, felizes, tristes, viris, prostrados...

As mãos também desenharam para outros os caminhos que um dia já foram traçados para si. O senhor, armado com a pequena lança de grafite colorida, achou, criou e instigou o nascimento de uma verdadeira legião de criadores de mundos.

Hoje, o traço já não é mais grosseiro ou forte – não por inaptidão. A experiência e a reflexão a cada riscar parecem ter sua herança. Entre traços prudentes e sinuosos, o homem que nasceu temendo os próprios pupilos, hoje, teme a si próprio: teme um dia ser inútil.

*Oh, no!*

Geraldo, se tu fosses uma de suas obras, seria um objeto colorido, esférico, que a cada sopro de ar cresce, infla, mais que isso, sobe! Sobe e sobe! Já estais alto, Geraldo, tão alto que aquele espelho de outros tempos nem mais te enxerga. De tanto insistir, tão pouco desistir, o teu dia já chegou.

**Equipe de Produção:**  
Camila Soares  
Messias Borges

**Entrevistadores:**  
Ana Beatriz Farias  
Camila Soares  
Giulianne Batista  
Igor Cavalcante  
Larissa Wenya  
Leticia Alves  
Lucas Barbosa  
Messias Borges

**Texto de abertura:**  
Igor Cavalcante

**Fotografia:**  
Filipe Pereira



Entrevista com Geraldo Jesuíno da Costa, dia 16 de junho de 2015.

**Messias** – Você precisou começar a trabalhar desde cedo para ajudar em casa, e isso acabou prejudicando os estudos. Como você se sentia nesse momento?

**Jesuíno** – Olha, no tempo que eu comecei, a gente tinha aspirações muito curtas. Parece até que eu estou falando de um tempo muito atrás, não é? Na verdade não é. As coisas começaram a acontecer muito rápidas. No meu tempo, a gente tinha uma perspectiva, alguns sonhos. Eles eram mais próximos, não eram tão longos, tão elásticos, tão rápidos.

Cada um se estabelecia dentro de determinados formatos de vida. Até porque a relação entre o jovem e o mundo era bem mais complicada. Existia uma força, não digo uma força física, mas uma força de intimidade. O paternalismo dos pais, a força dos pais sobre os filhos. Qualquer coisa que se fizesse era como certo desafio. Principalmente, de onde eu vim, por exemplo, que era de uma cultura de terra, de chão, de natureza. Meus pais eram pessoas simples, viviam num espaço muito acomodado em uma chamada periferia da cidade.

E, nessa época, eu não esperava muito. Esperava crescer, é verdade, sem dúvida nenhuma. Briguei muito por isso, criei certa revolução na minha família, porque fui o primeiro a dar esse pontapé. A insistir, não me satisfazer com o que estava acontecendo, tentar estudar mais, investir mais no meu futuro, embora meus irmãos me seguissem um pouco ali. Mas eu estava insistindo, estava um pouco mais na frente.

E essa história de você ter de trabalhar, de você querer fazer uma faculdade, de você tentar, ficar batalhando, estudando dia e noite, para mim era uma coisa muito legal, uma coisa muito boa.

Eu me lembro que eu tinha um problema sério, danado, com química. E eu estudava para fazer medicina. Toda vida eu estudei para fazer medicina. Eu queria ser médico sanitário. E eu tinha um problema cruel com Química. Eu sabia que sem química não ia conseguir fazer medicina. Eu saía andando: “Eu vou ficar cobra em química, eu vou ficar cobra em química, eu quero ficar o ‘bam-bam-bam’ em química”. Eu não sabia nada: “Mas eu vou ficar um danado em química”. Ou seja, do meu emprego, não pensava nada. Amanhã vou lá, faço o trabalho

que tenho de fazer, tudo resolvido. O que me motivava era: “Amanhã eu vou ficar legal em química. Depois daqueles dois anos, eu vou ser um bamba em química”.

Não fiquei um “bamba” em química, é verdade, não fiquei um cara muito legal em química. Mas isso me motivou e eu acho que foi essa motivação que fez com que eu tocassem em frente, fosse batalhando e não desistisse.

Difícil? É. Nada é fácil. Tudo tem seu grau de dificuldade, e a gente faz maior ou menor dependendo da forma como você vê a coisa. Mas, sem dúvida nenhuma, era... Na hora de decidir, aí sim, foi crucificante. A coisa foi meio “braba”.

Querida fazer medicina e tive de sustentar não totalmente, mas quase totalmente as rédeas da casa. E passei no vestibular numa posição confortável. Na época, o vestibular era feito por áreas. A gente fazia para (ciências) exatas, para ciências da saúde e para ciências humanas. Eu tinha nota suficiente para entrar na medicina tranquilo, sem nenhum problema. Mas acontece que eu não podia estudar de dia. Eu tinha de estudar de noite.

E eu cheguei ao prédio onde (hoje) funciona ali o shopping (Benfica), que era um prédio de engenharia, na verdade um galpão abandonado. Encontrei uma fila de pessoas fazendo inscrição pro curso para o qual passariam. Estava eu e um colega da empresa, e eu cheguei, ainda era o Bosco (antigo funcionário da universidade, numa seção chamada Controle Acadêmico) que estava lá. Chegou, olhou para mim: “O que tu vais fazer?” Olhou minha nota, dava para eu entrar onde quisesse. “Um (curso) que tivesse aula só à noite”. Ele procurou, procurou, procurou: “Tá aqui um. Economia. Mas tem uma disciplina de dia”. “Não dá”. Procurou e disse: “Tem um aqui. Só tem aula de noite. Comunicação social”. Juro para vocês que foi a primeira vez que ouvi essas duas palavras juntas. “Comunicação” eu já conhecia, “social” também sabia o que era. Mas as duas juntas, criando uma instituição, (foi) primeira vez que ouvi.

**Giulianne** – Você falou (quando da produção desta entrevista) que é muito desumana a profissão de medicina, e você não seria feliz nessa profissão. Em que aspecto a comunicação social é demasiadamente humana

Geraldo Jesuíno da Costa nasceu no bairro São Cristóvão, em Fortaleza, em 18 de julho de 1946. É filho de Neusa Simão da Costa e Calixto Jesuíno da Costa, que tiveram outros seis filhos além dele.

Seu Calixto era um homem carinhoso e louco pelos filhos, e, ao mesmo tempo, severo e incapaz de beijá-los. Uma vez, ele surpreendeu Geraldo Jesuíno, enfermo com catarata, com um desenho.

*Dona Neusa amava todos os filhos, como é de se esperar de uma mãe, mas Geraldo acredita que ela nutria por ele um carinho especial, o que fala com brilho nos olhos.*

para você ter ingressado e se interessado (*seguir*) na profissão?

**Jesuíno** – Porque, para mim, comunicação, na hora de escolher o curso que eu ia fazer, não entrou muito no mérito, não. Entrou o que era que eu podia fazer – que tivesse aula só à noite.

Depois eu comecei a perceber que, talvez, ali fosse o meu lugar. Porque, quando você se dedica a fazer jornalismo – embora nunca eu tenha me dedicado a fazer o ‘jornalismo de batente’ – e você vai fazer uma entrevista, você faz tudo isso que fez aqui. Você se interessa pela pessoa. Você simplesmente não passa o remédio para ela e manda ela para casa. Ou chega à frente do hospital, passa na frente daquele aparelhinho que está fazendo “tum-tum-tum... Piu” (*referência a aparelho médico que acompanha os batimentos cardíacos*) e passa comendo sanduíche. Eu não consigo fazer isso. Mas eu já passei por essa experiência uma vez e voltei para casa muito ruim. Eu vi o aparelhinho marcando lá o pulso, marcando, marcando, marcando (*vai silenciando o tom de voz*)... E eu passei mal. Não disse isso para ninguém. Ainda fiquei ruim uns dois meses. Eu teria de encarar aquilo ali como uma coisa normal da minha profissão.

Quando eu chego perto de uma pessoa, quando estou falando muito como em uma entrevista, eu participo com ela dessas coisas. Elas falam as mesmas coisas que eu falo. Eu não tenho um universo muito distante do delas. Isso sempre me interessou. Sempre fez parte de mim ficar perto das pessoas, participar com elas num conjunto. A gente tem o mesmo discurso, partilha do mesmo mundo.

**Letícia** – O que o motivava tanto a querer estudar que o fez até mesmo entrar no curso que nunca tinha ouvido falar?

**Larissa** – Só completando: em relação ao curso de comunicação social, quando você se matriculou, qual era a expectativa?

**Jesuíno** – Eu era técnico de manutenção de máquinas. Para algumas pessoas, aquilo era o ‘top de linha’ que você poderia atingir em determinado instante da vida. Para mim, não era. Eu não podia fazer nada mais do que analisar onde estava o erro. Tudo bem que trabalhar com raciocínio era a única coisa agradável que tinha naquela profissão, era você raciocinar, saber analisar o circuito e descobrir onde estava o problema. Pronto. Descobria, isso é uma coisa agradável, mexia com os meus neurônios, mas depois passavam a funcionar minhas mãos. Eu ia desmontar máquinas. Depois eu iria fazer o relatório, entregar para o meu chefe e ele ia meter o grameador, fazer aqueles furinhos e acabou.

Não tinha essa coisa: “Ah, cara, foi legal, foi brilhante o trabalho que tu fizeste, aquela sacada que tu deste naquela entrevista, na diagramação, o trabalho que tu fizeste ficou muito legal”... É muito diferente (*na comunicação*). Então eu não queria ficar muito tempo fazendo aquilo (*operando máquinas*).

Nem queria ser funcionário do Banco do Brasil. Era ‘top de linha’. Nem queria ser funcionário dos Correios e Telégrafos. Era ‘top de linha’. Não queria seguir a carreira que meu irmão tinha abraçado, que era ser inspetor da Polícia Rodoviária. Tem um poder incrível naqueles pedaços de estradas, pode chegar a parar teu carro, tomar teu carro, te botar na cadeia. Podia fazer isso tudo, mas não era aquilo que eu queria. Não me agradava nada.

Deve ter acontecido com vocês, e, se não aconteceu, vai acontecer. Alguma coisa vai chegar e tocar vocês. Enquanto isso não acontecer, você não vai se arrumar na vida, não. Podem casar, podem arrumar família, podem ter o melhor emprego, mas, se esse toquezinho não pintar em você, você vai ficar procurando. Vai continuar procurando até você encontrar. No dia em que você encontrar, você vai dar uma parada, sorrir, se for homem *vai lá na esquina* tomar umas. Toca para frente, e agora sim. E foi aí que funcionou.

**Messias** – Você disse que não fez um curso que aproveitou muito. O que você gostaria de ter aproveitado mais?

**Jesuíno** – Eu era um aluno ruim? Não, não era um aluno ruim. Era um aluno bom. Eu acho que fui um aluno bom, acima da média. Porque eu passava quase o tempo todo viajando e, quando tinha aula da professora Adísia Sá (*atualmente está aposentada*), eu pegava avião de Teresina (*Piauí, onde fazia serviços para empresa*) e vinha, pegava o avião de novo de volta. Porque a empresa não podia saber que eu estava fazendo isso. E tinha esse colega que estava atrás de mim na fila, que também aproveitou e fez o mesmo curso, que ligava para mim, ligava para a empresa, passava um rádio para o Banco do Brasil (*cliente da empresa*) para que eu viesse de lá para cá, ou então eu enfrentava três, quatro horas de poeira na estrada, vinha, fazia a prova e... (*gesticulando que voltava*).

Onde era que eu estudava? Eu não viajava de carro, viajava de ônibus. Eu passei a vida toda estudando dentro de ônibus. Era onde eu ia pegar a disciplina do Faria (*Heitor Faria Guilherme, ex-professor, já falecido, ensinava a disciplina Editoração*), do Teobaldo (*Mourão*) Landim (*ex-professor de disciplinas de técnicas jornalísticas e de telejornalismo, já falecido*), do Luis (*Queiroz*) Campos (*profes-*

Uma das principais diversões do menino Jesuíno era ir ao cinema, onde assistia principalmente a filmes de heróis, que inspiraram e alimentaram o gosto dele pelas histórias em quadrinhos.

sor aposentado, ensinava disciplinas na área de administração jornalística e publicidade e propaganda) para poder fazer as provas. Então, eu fiz meu curso desse jeito. E qualquer curso feito desse jeito não pode ser bom.

O que eu queria mais? Ter feito as disciplinas do jeito que eu podia fazer, aproveitando as aulas, questionando os professores, dando a minha colaboração, participando mais daquela coisa, mas não era muito por aí. Eu não tinha essa liberdade total, participava como podia. Geralmente, eu viajava uma semana, (depois) passava três dias em casa e viajava outra semana, passava mais três dias em casa... Era o tempo que eu podia ir para faculdade.

**Larissa** – E mesmo com essas circunstâncias, o que você pôde tirar de proveito nesses anos de graduação?

**Jesuíno** – Tudo! Tudo foi proveito. Se eu não tivesse tido essa dificuldade, a faculdade também não tivesse sido tão divinamente maravilhosa para mim. E foi. Todo mundo tinha queixa da faculdade. Todo mundo achava professor horrível. Eu não tinha (queixa). Minhas queixas, como a de todo mundo, eram voltadas, por exemplo, com o curso... Eu não sei se ainda tem uma disciplina chamada Introdução à Estatística. Tem mais não? (sendo respondido que não) Aleluia!

**Letícia** – O que mais lhe encantou na comunicação social, tanto como aluno, como posteriormente como professor?

**Jesuíno** – Lucidamente, eu nunca escolhi uma área da comunicação. Nunca parei para escolher. A área me escolheu. Eu acho que, no dia em que a gente se encontrou, a gente começou a 'namorar'. Tive algumas "namoradas". Uma foi essa que tá aqui na parede (referindo-se à história em quadrinho). E a outra foi livro, editoração. Por que isso aconteceu? Não sei. Elas gostaram de mim, eu gostei delas. Olhei para as outras, não gostei muito, não fizeram o meu gênero, coisa parecida.

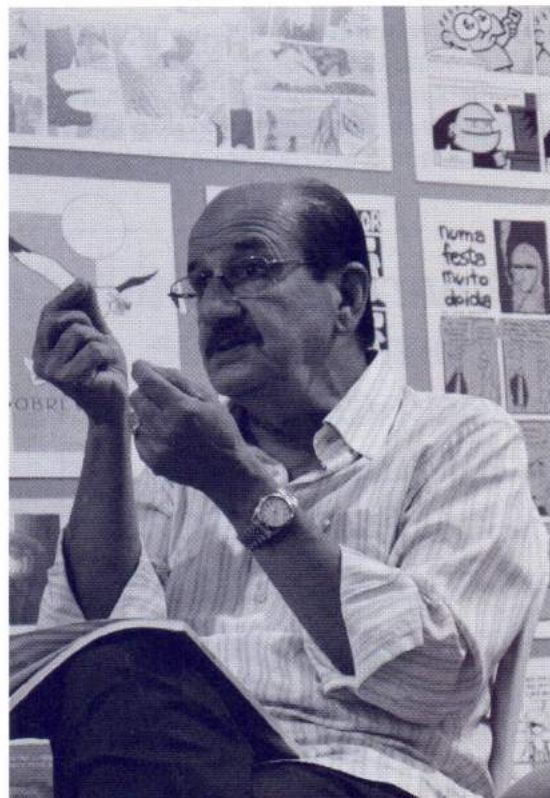
Quando eu cheguei perto de editoração... Até porque eu entrei no curso de comunicação (como professor) para substituir o professor Faria Guilherme, por quem eu tenho uma admiração imensa, e ele dava editoração (à época, Faria Guilherme assumiu a direção do Centro de Humanidades e se afastou por um período da sala de aula). Por que ele me escolheu? Ele já via em mim esse namoro, essa brincadeira de me envolver mais com as tarefas do livro, de planejamento gráfico, área gráfica. Ele já via em mim essa tendência. Não sei se porque, quando a aula ficava extremamente chata, repetitiva, e eu já tinha lido todos os livros do Robert Escarpit (professor, sociólogo e jornalista francês que es-

creveu uma vasta obra sobre livros e editoração, faleceu em 2000), tudo de editoração naquela época – ele não estava me dizendo mais nada de novo e ele sabia disso –, ele me via desenhando rabiscando, marcando livro, marcando área de sangramento, marcando margem de livro, riscando... Como ele percebeu, talvez tenha me chamado por conta disso. Como eu fui um aluno de nota um pouco acima da média na disciplina dele, talvez ela tenha me chamado por conta disso.

A outra foi história em quadrinho. Eu desenhava história em quadrinho na calçada. Eu desenhava personagem de quadrinho em tudo que era canto. História em quadrinho foi a minha forma de entrar na mídia. Foi onde eu participei de jornais, criando rabiscos no jornal *O Estado* (jornal cearense fundado por José Martins Rodrigues em 1936 e ainda hoje em circulação). Foi a partir daí que apareceu o interesse. A professora Adísia Sá via o meu trabalho, via meu interesse em histórias em quadrinhos e me incentivou a partir pros lados dos quadrinhos.

**Ana Beatriz** – Jesuíno, você falou das "namoradas" que você teve, e uma dessas que não fazem o seu tipo é o 'jornalismo de batente' e o que envolve essa rotina. Por que não?

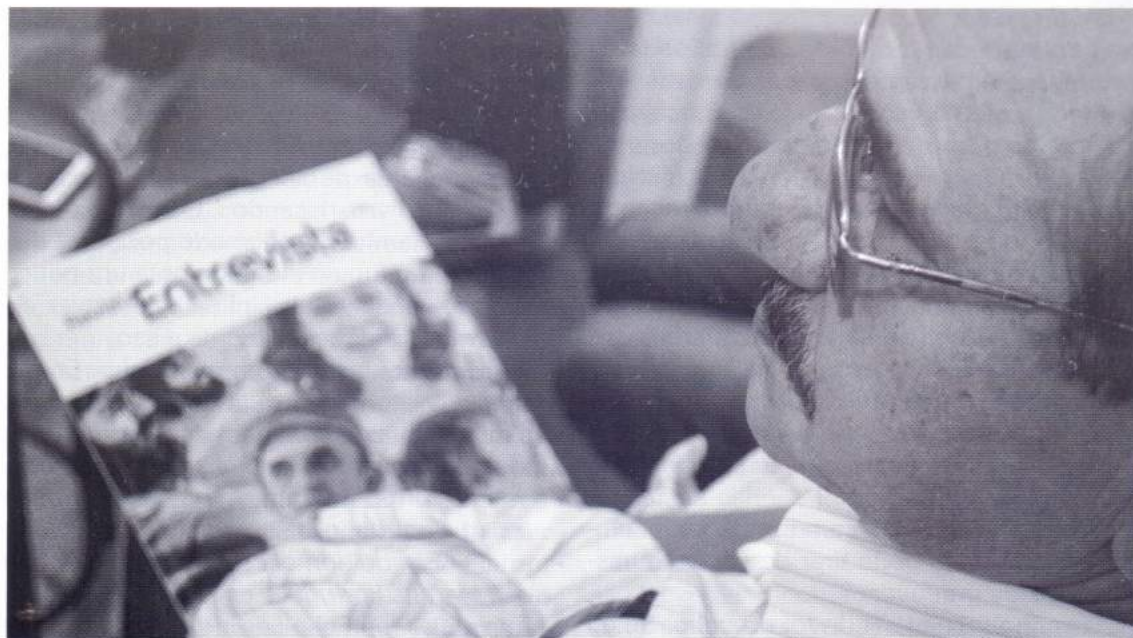
**Jesuíno** – (faz um silêncio prolongado) Por que não 'jornalismo de batente'? Quando eu fazia o curso, se eu podia, eu lia jornal todo dia. Quando eu fazia o curso, se eu podia, conversava com meus amigos todo dia. As-



*Durango Kid*, cowboy fictício dos quadrinhos e interpretado nas telonas pelo ator Charles Starrett, era o personagem predileto de Jesuíno na infância.

Geraldo Jesuíno precisou começar a trabalhar cedo como operador de máquinas na multinacional NCR para ajudar no sustento de casa. Lá, ele passou muitos anos e alcançou um cargo alto e bem remunerado.

Mas foi na Comunicação Social, onde ingressou por acaso, em que Jesuíno se encontrou, sendo primeiro estudante e depois professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), além de exercer outras atividades relacionadas à área.



sim, se repetia com meus professores. Havia alguns professores que eram emblemáticos. Teobaldo Mourão Landim era emblemático. Por quê? Era um grande jornalista? Não! Porque criava polêmica. Ele fazia um programa de televisão. Ele apresentava um programa de opinião na (antiga) TV Ceará – Canal 2. E ele dizia as coisas!

(Mas) O jornalismo era um jornalismo que dependia muito dos patrões. Não sei se depende mais, espero que não. Não tenho acompanhado mais, tá? Mas aquilo não me agradava nem um pouco. Nem um pouco. Fazer uma coisa que eu sabia que ia ter alguém lá para meter a mão no meu trabalho e dizer o que tinha de ser. Como assim? Eu terminei uma faculdade, cara! Eu tenho uma cabeça, eu sei o que eu quero dizer. Você me pediu para ir lá e fazer essa matéria aqui. Eu

---

**“Deve ter acontecido com vocês, e, se não, vai acontecer. Alguma coisa vai chegar e tocar vocês. Enquanto não acontecer, você não vai se arrumar na vida.”**

---

Apesar de ter sido professor do curso de Comunicação Social da UFC, Geraldo Jesuíno não era conhecido por todos os alunos no processo de seleção dos entrevistados da *Revista Entrevista*, o que suscitou curiosidade da turma.

fiz com toda justiça e profissionalismo que me é possível! Como é que você mete a mão e corta? *Never*, nunca vou fazer isso. Só vou fazer se for preciso e se disso depender a minha carreira. Escolhi isso aqui, agora eu vou pagar o preço. Se depender, eu vou fazer. Senão, não vou fazer isso.

De repente, eu descobri que existia outro horizonte para ser profissional de jornalismo tão competidamente quanto a outra, por que não? Não tenho de brigar com ninguém, não tenho de brigar comigo mesmo, não tenho de entrar em conflito nenhum. Vou fazer uma coisa onde meu espírito – estou falando aqui em espírito, mas no sentido psicológico – vai poder funcionar, vai atuar muito mais, e ninguém vai ficar cortando minhas asas muito. Cortar sempre tem, alguns cortam as peninhas para você não voar demais. Mas não vai ter quem corte tanto as minhas asas. Então, eu vou enveredar por outro caminho. Foi ruim para mim? Não, foi ótimo! Foi ruim para os alunos do curso de comunicação depois que eu virei professor? Não!

Algumas pessoas desse curso sabem que, no momento em que a teoria teve uma ascensão muito forte no curso, a parte técnica e a parte mais analítica foram começando a ficar mais renegada. A gente via um grupinho em um canto meio escorado, e a turma da teoria não ‘dando bola’. Objetivamente, ‘jornalismo, jornalismo’ era feito por quatro pessoas em todo o curso. O resto era teoria.

As teorias foram chegando junto, tomando espaço, invadindo. Ter optado por essas áreas (*lecionar disciplinas práticas*) foi legal para os alunos também. Na teoria, você questiona, avalia. E o jornalismo precisa de gente. Os jornais precisam de gente para fa-



A trajetória de Geraldo Jesuíno na universidade não se encerrou por aí. Depois de entrar para a história do curso de Comunicação Social, ele foi convidado pelo reitor Antônio de Albuquerque Sousa Filho para assumir a direção da Imprensa Universitária, onde permaneceu de 1991 a 2003.

zer o trabalho duro. Para ir buscar a notícia que a gente precisa saber.

**Messias** – Você fala com muita admiração dos seus professores. Principalmente do Faria Guilherme, que já é falecido. O que ele representou para a sua formação?

**Jesuíno** – Primeiro, quando você está no período da juventude, tem hora que você chega à frente do espelho e olha: “Cara, quem tu és?” Isso se você tem coragem. “Quem é esse cara que tá aí na minha frente? Qual é a tua?” E eu fazia isso muitas vezes.

E, de repente, aqui para o curso de comunicação, depois de ter passado por todos os professores pelos quais eu tenho uma admiração muito grande – muitos deles são meus amigos ainda de perto –, o que lembrou: “Tem um carinho ali que promete, que pode dar conta da minha disciplina”: Faria Guilherme.

Quando a coisa apertou, a ponto de a gente ficar possivelmente desempregado depois de dois anos (*refere-se aos professores horista, de contratos precários*) de entregar cabeça, corpo, membros e alma para o curso... Porque ia abrir um concurso. E quem tinha ficado de fora estava estudando, fazendo mestrado, e a gente de cabeça aqui dentro do curso. Porque eu tinha 18 horas de aula, eu não podia nem me coçar. De novo, o Faria Guilherme chegou e brigou junto com a gente para que a gente continuasse no departamento.

Terceiro: por que eu admiro o Faria, tenho uma admiração tão grande por ele? Era um homem limitado, um homem carrancudo, taciturno, teimoso, mas extremamente justo. Com todas as idiossincrasias que uma pessoa pode ter. Mas com relação ao curso

de comunicação, ele não arredava o pé. Não tinha como: mexeu com o curso de comunicação, mexeu com Faria Guilherme. Aquilo foi me ensinando, devagarinho.

Minha carreira começou com o Faria, tivemos nossos arranhões, afinal de conta somos humanos, e, se a gente vivesse harmonizado, perdia a graça. Tivemos nossos arranhões, nossas diferenças com relação à condução da disciplina. No dia em que eu assumi a disciplina, ele voltou para o departamento, mas eu nunca mais larguei a disciplina. Eu tomei a disciplina, sursurpiei (*fala brincando e ri*). Ele podia ter ficado com raiva, não ficou, mas a gente discutia muito como conduzir aquilo. Ele tinha algumas ideias e eu, outras. Eu estava empurrando a coisa pra frente, estava tentando dar com o embate, quando ele achava que devia: “Tem um cânone por aí que deve

---

“Quando você se dedica a fazer Jornalismo (...) Você se interessa pela pessoa. Você simplesmente não passa o remédio para ela e manda ela para casa.”

---

Jesuíno foi muito solícito e gentil desde o primeiro contato com a equipe de produção e, em poucos dias, aceitou receber Camila Soares e Messias Borges na espaçosa e bela casa onde mora.



Geraldo Jesuíno tem história com a *Revista Entrevista*. Ele desenhou o projeto gráfico e as capas das primeiras edições da revista na década de 1990 e, agora, em 2015, é um dos personagens da revista nº 34.

ser seguido". "Mas todos os cânones são questionáveis, e vão continuar sendo cânones até criar outros". E ele não concordava muito com isso. Ele era conservador demais. Mas eu tenho uma admiração muito grande pelo Faria por conta disso.

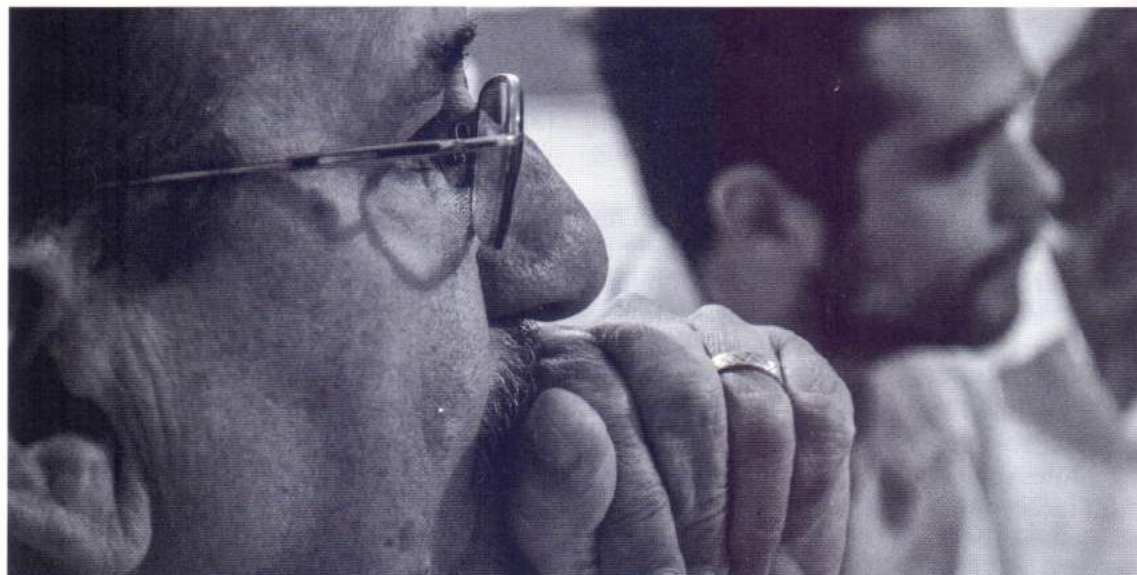
**Letícia** – Jesuíno, dá licença que eu vou ler a pergunta. O senhor afirmou ao Messias e à Camila (*equipe de produção*), na primeira conversa que teve com eles, que, no seu tempo de docência, os alunos tinham pouco interesse em trabalhos práticos. Hoje, a situação que a gente vê é quase inversa, com os discentes pouco interessados em teoria. Em sua opinião, como aluno do curso e uma pessoa que deu aula por muitos anos, qual deve ser a medida desses aspectos no curso?

**Jesuíno** – *Fifty-fifty*: 50-50. Nem tanto quá, nem tanto o quê. Teve uma época que me colocaram numa comissão para elaborar

técnica e teoria somando a mesma importância, só variando de acordo com o instante.

**Camila** – Qual foi o aprendizado mais importante que você tirou desse período?

**Jesuíno** – Existia um anúncio da loteria, que era mais ou menos assim: 'Insista, persista e não desista, o seu dia chegará'. Os meus dias começaram no dia em que eu nasci, mas eu comecei a existir de verdade, como cidadão, Geraldo Jesuíno da Costa, no meu primeiro dia de aula. Na minha primeira sala de aula, com 40 "monstrinhos" lá olhando para mim, sabendo que eu nunca tinha dado aula na vida. E eu fui para lá tremendo da cabeça até os pés. Mas é óbvio, isso vai acontecer e você vai tremer mesmo. Se vocês acham que não são ameaçadores, são, desde que eu não conheça vocês. Depois que você conversa comigo, que a gente começa a conhecer, descobre que você não ameaça



o novo currículo de comunicação. Tô falando novo porque agora me transportei lá pro ano que eu tô fazendo isso. E nós fomos ver como era que faziam. Eu acho que eu fiz a coisa mais brilhante que eu já criei no curso de comunicação. A coisa mais fantástica que eu criei no curso de comunicação. Eu e mais alguns outros malucos que entramos de cabeça naquele treco.

Nós criamos um currículo em forma de cunha. O 'Yin' e o 'yang'. Eu achei muito legal depois que terminou o desenho. De repente, a gente tinha algumas disciplinas que iam arrefecendo, diminuindo o volume, e outras que iam crescendo de importância e se fechavam no Projeto Experimental (*confunde-se com o nome, mas garante, por fim, que era este*). No topo, elas somavam o mesmo número de carga horária. Então nós tínhamos

ninguém. Mas, enquanto você não faz parte do meu núcleo, são ameaçadores, sim.

A pergunta que está entalada na garganta pode vir puxar o tapete e você não saber responder. Isso tudo pode acontecer numa relação de professor e aluno. Nunca escondi: "Não sei responder tua pergunta, mas na próxima aula te respondo". Mas até você chegar a adquirir essa maturidade, tem muita coisa para rolar, tem muita lenha para pegar fogo ainda.

E o que eu aprendi? Insista, vá fundo, não dê passo para trás agora, ainda não é tempo. Acho que, na verdade, não fui médico, não fui jornalista, eu fui professor. Se bom, medíocre, ruim, razoável, o julgamento não é meu, é de quem ficou comigo, durante esse tempo todo. Eu acho que passei no meio, não comprometi muito. Agora, o que me

Aos 69 anos, Geraldo Jesuíno encontrou a paz em uma residência com bastante privacidade e vento incessante, localizada no bairro Cambéba, em um terreno deixado pelo pai, onde eles e o restante da família viveram na infância de Jesuíno.

motivava ficar ali era: "Eu quero fazer isso, não vou abrir fácil".

Ficou muito difícil, no começo foi infinitamente difícil. A insegurança que você tinha como professor auxiliar, horista, colaborador naquele tempo... A dificuldade que você tinha de enfrentar os alunos na sala de aula, porque não se prepara professor na Universidade, lastimavelmente... Não sei agora. Como era que eu me sentia? Inseguro, feliz e sabendo que ali era o meu canto. Era o tipo da coisa que, enquanto aquele outro (*trabalho*) não tinha me tocado, esse aqui encostou o dedo e fez as coisas funcionarem.

**Ana Beatriz** – Dessa relação rara entre professor e aluno, com você no lugar de professor, o que ficou, o que o marcou?

**Jesuíno** – O que ficou no final das contas: ser professor é um privilégio de grande raridade! É uma possibilidade imensa de você

traço cabe ou não cabe? Isso me lembra um filme no qual um cara tinha uma obsessão de encher um balão, bexiga, o quanto ele aguentava de sopro antes de explodir. Não me lembro como era o nome do filme, antigo. Mas ele ficava enchendo o balão até... Ele aguenta mais um sopro? E "pow!" Explodiu, não aguentou. Frustração total. Mas, enquanto ele não conseguia explodir, ele vibrava. E eu ficava olhando meu desenho: será que cabe mais esse traço? Será que eu tenho de apagá-lo?

Essa seletividade que eu tinha no meu desenho me fazia avançar. Eu colocava o traço. Se eu botava o traço e achava que não funcionava, eu perdia o desenho. Ia fazer outro sem o traço. Eu tenho de arranjar um jeito, tenho de inventar uma forma, avançar nesse treco aqui para não perder todo o desenho. Então, passei a usar uma lâmina de papel por

Quase todos os dias durante a semana, ele se desloca até o escritório de editoração de livros, onde consegue manter-se ativo, mesmo aposentado, e reencontra amigos que também são a clientela do negócio.



aprender. É uma oportunidade que você tem que não se oferece duas. Ser professor é muito mais aprender do que ensinar.

**Igor** – Algo muito recorrente na sua história é a questão da modernização. Até mesmo no que você acabou de falar, no currículo, no curso mesmo. De onde vem essa visão de modernizar, buscar atualizar, melhorar?

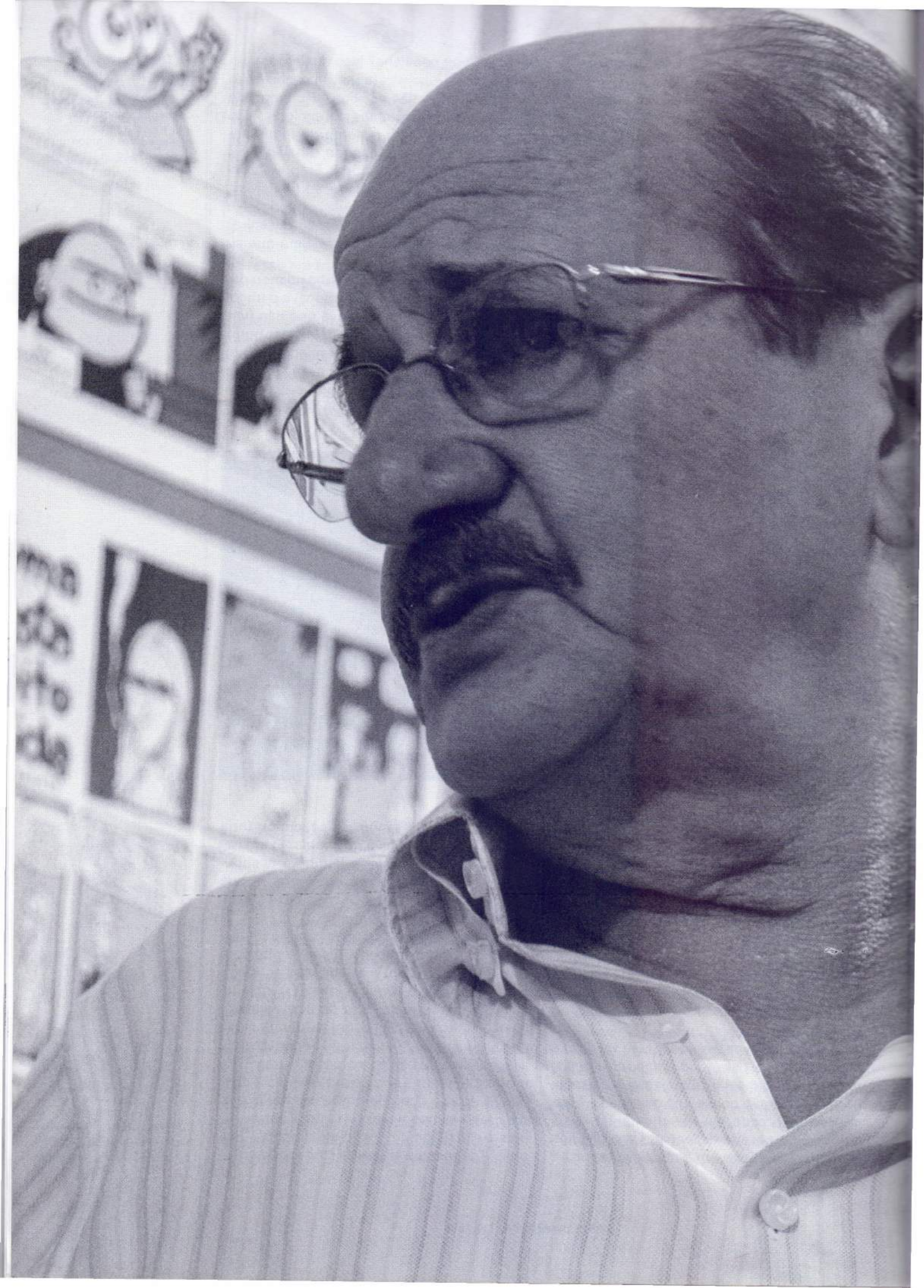
**Letícia** – Fazendo um adendo, complementando a pergunta dele. Tem alguma influência do seu trabalho como técnico de máquinas?

**Jesuíno** – Talvez tenha, aí quem vai dizer é meu filho que é psicólogo (*falando de Felipe e Rindo*). Eu não sei explicar esse dado, não, porque lá eu não conseguia criar nada. Mas, desde muito cedo, eu me chamei de desenhista. E comecei a desenhar. Uma das coisas que para mim eram fantásticas era: esse

cima. Eu fazia o desenho básico, depois fazia o traço que eu pensava que cabia. Examinava: "Não cabe". Tirava a lâmina e acabou. Passei a aperfeiçoar meu quadrinho, o que foi que fiz? Só dei uma avançada nas ideias, um toquezinho para frente.

Nas outras áreas, foi mais ou menos assim. A única proximidade que eu tenho com administração é com a minha mulher, que é administradora, e com a minha filha, que seguiu o caminho dela. Mas de administrador eu não tenho nada. Fui coordenador do curso de comunicação, fui chefe de departamento, assumi, durante algum tempo, substituindo o professor Roberto (*Francisco Roberto Sousa de Oliveira*), a diretoria do Centro (*de Humanidades*) – tempo muito curto por sinal – e depois eu fui dirigir um órgão que tinha 85 "ferinhas" (*refere-se à Imprensa Universitária*).

Jesuíno vive rodeado, no lar, pela esposa, a administradora Marlúcia de Menezes Jesuíno – com quem está casado há mais de 40 anos –, a filha, a também administradora Carolina, e o filho, o psicólogo Felipe.





Geraldo Jesuíno saboreia o tempo que tem devorando o que não conseguiu ler enquanto estava servindo à universidade, deliciando-se com o vasto jardim e, principalmente, com as coloridas flores da casa e se divertindo com os quatro cachorros que cria.

Porque, quando eu entrei naquele "treco" lá, sem nenhuma experiência, sem saber o que ia fazer, só tinha uma coisa que eu achava que tinha de fazer: continuar daquele jeito não podia. Eu jamais poderia cobrar alguma coisa daquele pessoal se eu não desse mais condições para eles trabalharem. Ou eu avançava, ou o que eu estava trazendo? Nada. O que eu podia cobrar deles? Nada.

A primeira coisa que eu mandei fazer foi: tira tudo que for de entulho dessa casa (*a Imprensa*), vamos ocupar o espaço com alguma coisa produtiva ou com algumas coisas bonitas. Onde havia pilhas e pilhas de papel velho, eu botei roseiras, eu botei plantas, botei flores, sabe? Onde havia ambientes absolutamente fechados, mandei abrir as portas, botar combogó, deixar a brisa correr. Onde havia pessoas estáticas, eu fiz com que elas andassem. E onde existiam calos no fluxograma, eu fiz com que eles virassem o caminho. De repente, o pessoal começou a perceber que, embora eu não dissesse para eles que estava fazendo coisas novas, para eles eram coisas novas.

Então, essa coisa de modernidade é muito relativa. É moderno para quem? Modernizar, na minha avaliação, é (*em*) primeiro (*lugar*): não viva só o ontem, guarde-o como história. Faça o hoje. Mas preste atenção no amanhã que ele é traiçoeiro feito a peste. Ele não brinca em serviço. Dê uma visitadzinha, dá uma olhada nele lá, o que você quer para amanhã? Se você pode influenciar em alguma coisa, você pode criar algum modelo, se você acha que pode mexer com as pedras, preste atenção para onde é que elas vão. Tenha cuidado! O momento em que você começa a se acostumar, que as bolinhas que você mexe vão para aqueles lugares que você queria que fossem, tá bom de você sair do lugar e entregar para outro. E foi o que eu fiz.

**Giulianne** – Nesse momento que você venceu na Imprensa Universitária, você teve saudade da sala de aula? Como professor ou posteriormente como chefe de departamento, ou você realmente achou que era o momento de se desligar do curso de comunicação social?

**Jesuínio** – Depois que eu fui para a Impren-

sa, dei aula ainda durante quatro semestres. Mas cheguei à conclusão do seguinte: não tô fazendo nenhuma das duas coisas legais. Estou correndo e não é por aí. Aula não se dá correndo. Aula se dá com calma. A Imprensa Universitária se faz correndo, feito uma bala. Se você tiver 12 horas para dedicar à Imprensa, ela pede 24. Não dá para fazer as duas coisas legais. No momento em que o curso fez concurso e colocou gente que podia me substituir, eu respirei, chorei duas vezes e larguei o curso.

**Giulianne** – Doeu?

**Jesuínio** – Muito. Muito! Doeu 'pra caramba'! Mas foi legal. Porque, na hora em que eu tive de sair da Imprensa, já não doeu tanto mais. Foi complicado, mas não tanto.

**Leticia** – Você falou muito da modernização. Além disso, qual o legado que você acha que deixou para o curso de jornalismo, para nós estudantes de jornalismo e para a universidade no geral?

**Jesuínio** – Eu deixei um painel na parede do curso de comunicação que a moçada pintou por cima (*fala brincando e ri*). Eu deixei uma lembrança de uma Oficina de Quadri- nho. Eu deixei o que mais? (*Faz uma pausa, silencioso*) Eu deixei um pedaço da minha alma lá dentro. Eu acho que o resto eu fiz tanto quanto os outros professores fizeram. Deixei um pedaço da minha vida que ficou lá e eu não emprestei, eu doei mesmo. Doei-me de coração. Achei muito legal, muito bom.

(*A moçada pergunta:*) "Você voltaria a dar aula?" "Não, não mais." Tive a oportunidade de fazer isso quando saí do curso, mas... "Você queria dar aula ainda?" "Não." Eu já não tenho mais energia suficiente para isso. Eu acho que está no tempo agora de começar a fazer o que eu não consegui: ler o que queria, não só as coisas da faculdade, ver as coisas que eu queria, fazer as coisas que eu queria. De não ter mais chefe de departamento, não ter mais ninguém, não ter mais ninguém! Fazer. Errado? Certo? Tá bom.

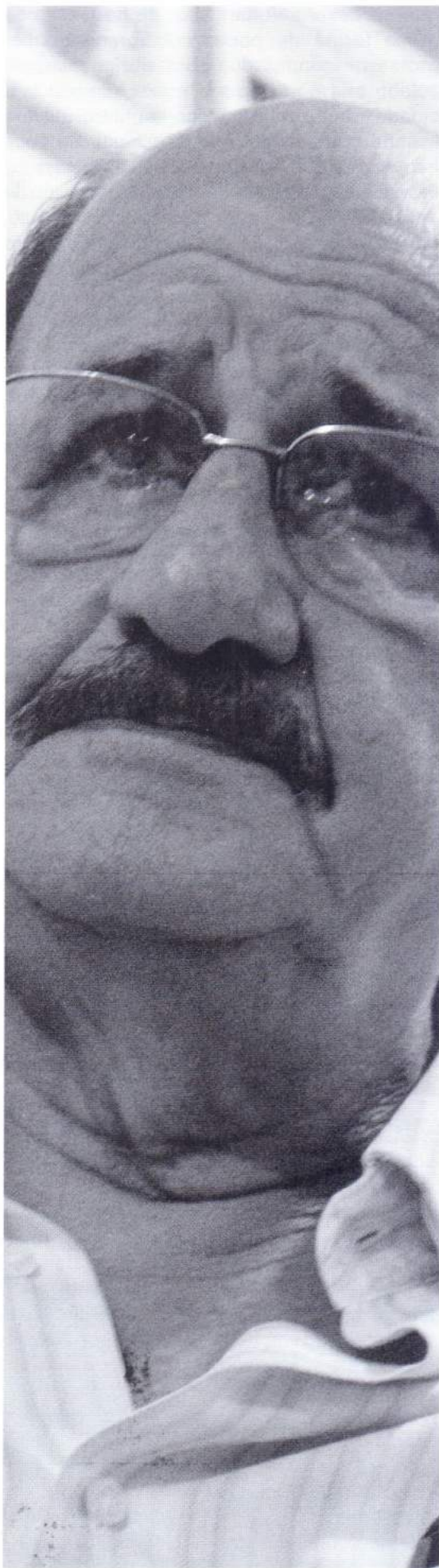
**Larissa** – Mesmo depois de aposentado, você continua ativo. Você continua no ramo da editoração com um escritório. E, na conversa que você teve com Messias e Camila (*equipe de produção*), você disse que sente a necessidade de se sentir útil. Eu quero sa-

---

**"O jornalismo precisa de gente.  
Os jornais precisam de gente para fazer o  
trabalho sujo. Para ir buscar a  
notícia que a gente precisa saber."**

---

Durante a pré-entrevista realizada pela equipe de produção, Jesuíno foi interrogado sobre datas e não soube dizê-las com precisão, alegando que não gosta de fazer contas para não ver que está "ficando velho".



ber o que você acredita que leva a ter essa necessidade e como você definiria esse desejo.

**Jesuíno** – (*Expiração longa*) Definir, eu vou passar batido, porque não tem a menor possibilidade de eu definir isso. Não tem como, eu não sei como funciona. Então, me perdoa por não te dar essa resposta: “Como é que eu defino isso?” Eu sei que estou aí. Eu sempre fui um cara que fugi da preguiça como o “cão foge da cruz.” Fugi da preguiça, nunca tive preguiça. Trabalho, para mim, é um estímulo, é um alimento. Eu sempre digo o seguinte: você tem duas alternativas na sua vida, ou você se mexe, ou vai morar lá no Jardim Metropolitano (*cemitério localizado na periferia de Fortaleza*), e eu não quero ir morar lá.

Então você tem de se mexer. Quando você não puder mais mexer as mãos, os braços ou as pernas, seu cérebro deve ficar se mexendo. Ele deve se mexer. A história de você se sentir útil, isso vocês não têm de se preocupar agora não, mas, daqui a pouco, comecem a se preocupar. Porque, enquanto você estiver na ativa... E esse cidadão aqui vai passar pela mesma coisa (*apontando para o professor da disciplina, Ronaldo Salgado*), enquanto ele estiver por aqui (*pela universidade*), ele tem vocês que estão aqui. De repente, se você precisar de uma muleta, tem uma aqui, tá aqui outra, outra e outra (*pegando e apontando para os ombros dos entrevistadores*). Tem segurança.

Depois que você sai, você vira sombra; você não é mais aquela luz que você era. Vira sombra, pessoas te esquecem, teus amigos muito chegados têm muito o que fazer para dedicar um tempo raro à pessoa que está aposentada, que, na teoria, vai virar um preguiçoso. Essa realidade está mudando, graças a Deus. A gente se aposenta e vai pro ‘batente’, vai trabalhar.

Eu acho que a universidade deveria aproveitar muito desse pessoal. Não tô dizendo

---

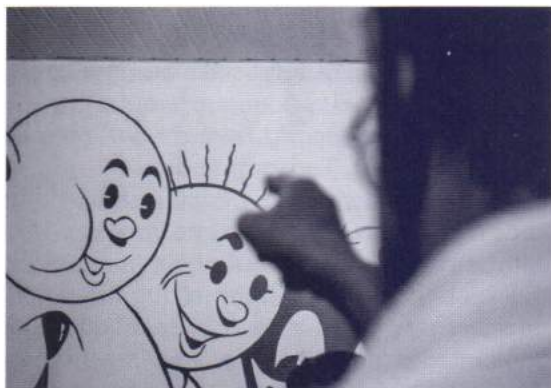
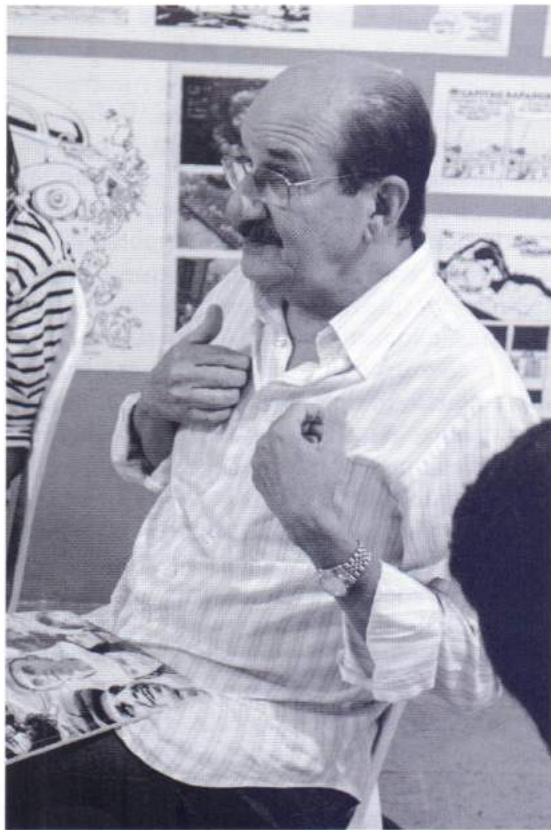
**“Não viva só o ontem, guarde-o como história. Faça o hoje. Mas preste atenção no amanhã, que ele é traiçoeiro feito a peste.”**

---

A entrevista com a turma inteira seria realizada no prédio do curso de Comunicação Social, onde ele foi aluno e professor. Mas os planos mudaram quando o aluno Felipe Autran sugeriu a Gibiteca de Fortaleza.

A turma aprovou a ideia da Gibiteca, e a equipe de produção procurou a administração da Biblioteca Municipal Dolor Barreira, que aceitou ceder o espaço contanto que a turma compartilhasse fotos da entrevista nas redes sociais.

O aluno Felipe Autran, que indicou Geraldo Jesuíno para ser entrevistado e é o maior fã de histórias em quadrinhos da turma, não pôde comparecer à entrevista porque estava viajando, mas fez questão de participar enviando perguntas para os colegas.



A entrevista protagonizou um reencontro emocionante para quem viu o abraço entre o entrevistado, Geraldo Jesuíno, e o ex-aluno dele e agora docente e orientador da *Revista Entrevista*, Ronaldo Salgado, na frente da Gibiteca de Fortaleza.

que eu deveria voltar. Mas, se houvesse alguma forma de poder colaborar sem ser professor contratado, com obrigações, eu colaboraria com todo o prazer, com a felicidade muito grande. Mas sentir-se útil é a luzinha que acende, que tá acesa. Se você não é mais útil, por que você tá ali? Pra quê? Pra respirar? Pra sofrer de reumatismo, de depressão? Se a luzinha apagou... Tchau, tchau, passe muito bem. Por isso, não quero que ela apague, não. Manter-se ativo faz parte da minha vida.

**Messias** – Qual a importância que as nomeações para a Academia Cearense de Literatura e Jornalismo e para a Academia de Letras e Artes do Nordeste tem na sua vida?

**Jesuíno** – Vou pegar essa pergunta e fazer um gancho com a outra, da história de se sentir útil. Eu nunca briguei por nenhuma, talvez seja a mais importante dessas nomeações. Eu nunca briguei por nenhuma. Aliás, eu nunca briguei... Eu só briguei com muita violência, acho que até a garra maior, por minha mulher. Mas pelo resto... Ambas aconteceram.

E depois de você estar aposentado, trancado dentro do meu *tumúrio*, eu chamo de *tumúrio*, meu cantinho. É uma sala, metade desta aqui (*Gibiteca de Fortaleza*). E, de repente, sem você pedir nem nada, sem eu ter uma grande e larga produção, só por conta da minha conduta, da minha ética, do meu trabalho, me convidaram para fazer parte, sem eu precisar fazer provas, sem fazer nada, dá uma "mexidinha", né? Dá uma balançada no cidadão. Aí, em vez de você chegar e dizer: "Que é isso aí?" Não, de repente, você se sente honrado. E lá você vai encontrar algumas outras pessoas que talvez tenham sido escolhidas da mesma forma. Então, eu estou fazendo parte de uma caixa. E fui escolhido pelos valores que eu pratico, e, se são desse jeito, são muito legais para mim.

**Camila** – Jesuíno, você falou antes da entrevista um pouco das suas primeiras experiências com os quadrinhos, e tudo o mais, o que despertava você para isso... Mas de onde veio mesmo esse interesse por essa área?

**Jesuíno** – Quando eu fazia o curso ginasial no Ginásio Presidente Vargas, a dona do colégio, dona Terezinha, por conta do meu interesse por leitura, me facultou o direito de frequentar a biblioteca do professor Hermeto, que era o marido dela. Pela primeira vez na minha vida eu dei de cara com o *Grande Sertão: Veredas* (romance de João Guimarães Rosa) e eu li *Grande Sertão* inteiro. Não entendi nada. E, de repente, eu pegando um volume lá, eu vi um livrinho que em cima tinha escrito *Edições Maravilhosas*, que eu abri e tinha a história do *Huckleberry Finn*

(originalmente intitulado *As Aventuras de Huckleberry Finn, romance de Mark Twain*). Comecei a ler aquela coisa, aí de repente eu digo: "Isso é sério?" Porque eu já lia algumas coisas, mas era no rumo do proscrito, né?

Bom, meu primeiro contato com história em quadrinho foi quando eu ia para o cinema, lá no Cine Messejana (*ele lamenta baixinho que tenha sido demolido*). Do lado de fora, quando a gente ia assistir às séries dos super-heróis, eu ia assistir à série do Zorro – *Lone Ranger*, um cara que tinha um chicote e uma máscara preta –, foi meu primeiro contato (com quadrinhos). Eu andava dois, três quilômetros a pé. O dinheiro era curto, a gente só tinha dinheiro pra pagar a entrada... Lá na frente do cinema, no hall do cinema, do lado de fora tinha a turma que não tinha grana para entrar, mas tinha umas revistinhas velhas e levava para vender. Raramente eu tinha dinheiro para comprar, mas eu podia ficar vendo. Enquanto a moçada estava com eles lá em cima das calçadas, eu podia ficar folheando e eu folheava tudo o que eu podia.

Quando eu tinha uma graninha que dava pra comprar um, eu comprava um. Do *Durango Kid*, era óbvio! E um dia eu me peguei desenhando na calçada o *Durango Kid* e des-

cobri que tinha conseguido fazer. Danou-se! Daí pra frente, nunca mais eu parei de fazer isso. Parece que naquela hora era um troço contagioso que me pegou e... Fiz isso o resto da vida toda. Sou um bom desenhista em quadrinho? Chego nem perto! Como eu não sou um bom desenhista em quadrinho nem desenho tão rápido, o meu desenho quer muito tempo, quer muito questionamento. "Esse traço funciona ou não funciona?" Aquela coisa de você ficar decidindo. Então, eu levo 30 dias pra fazer um desenho... O quadrinho exige que você faça em 20 minutos, 30 minutos, e não é por aí o meu trabalho. Sou um bom desenhista? Não. Como eu não sou muito bom desenhista e eu sou doído por quadrinho, eu lia quadrinho de todo jeito. Levei palmada à vontade porque botava a história em quadrinho dentro do livro e ficava escondendo da mamãe... Comecei a fazer quadrinho desse jeito. Dei uma crescinha...

Quando estudante de Comunicação reforçou a ideia porque eu acompanhei-me de alguns outros malucos, como o Paulo Brandão, que fazia quadrinhos. É um maluco bem sucedido. Meu compadre. A Ana Regina, esposa dele, também fazia quadrinhos. Meu

Jesuino deu prova de gentileza e boa educação quando muitos dos entrevistadores quiseram fazer uma pergunta ao mesmo tempo, e ele deu preferência à aluna Ana Beatriz Farias: "*First, ladies*".

---

**"Eu sempre fui um cara que fugi da preguiça como o "cão foge da cruz." Trabalho, para mim, é um estímulo, é um alimento."**

---



Em 2015, a Oficina de Quadrinhos da UFC, criada por Jesuino com a colaboração dos amigos Flávio Paiva, Aluísio Gurgel e Falcão (aquele mesmo, famoso cantor brega), completa 30 anos, o que tornou a entrevista ainda mais especial.



Enquanto a turma entrevistava Geraldo Jesuíno, o fotógrafo Filipe Pereira encontrou uma publicação da Oficina em homenagem a Moreira Campos, no arquivo da Gibiteca, sentou, folheou e fez registros da "criatura" próxima ao criador.

convite de casamento quem desenhou foi o Paulo e é uma história em quadrinhos. Pronto, nasceu por aí o meu interesse por quadrinhos. Eu acho que talvez tenha nascido antes, tenha sido despertado antes.

Quando eu estava com uma doença 'braba' (*catapora*), meu pai sentou na beirada da cama e ele não era desenhista nem nada, era um homem criador de animais... E ele desenhou um homem num cavalo, um cavaleiro com um laço, laçando um sapo. E nós ficamos rindo muito tempo, eu esqueci a dor durante um tempo. Acho que nasceu por aí. Depois (*veio*) o *Durango Kid*, que nasceu na calçada da minha casa, uma calçada vermelha, pintada com aquela tinta bem vermelha e eu pinteí, isso passou bastante tempo lá, gravado. E depois o curso de comunicação me deu o resto da rédea, me deram espaço no jornal, aí não acabou mesmo.

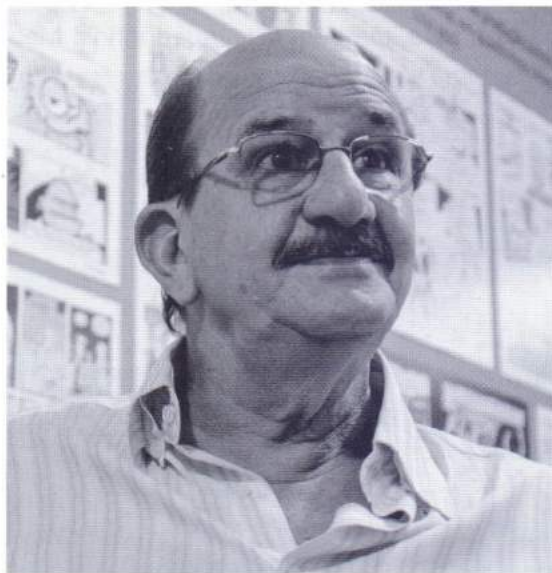
**Giulianne** – Como foi a transição da criança leitora de histórias em quadrinhos para o adulto leitor de histórias em quadrinhos?

**Jesuíno** – Continua lendo história em qua-

drinhos (*n*). Foi muito legal! Eu lia histórias em quadrinhos, lia muito, mas eu nunca releguei os livros a um segundo plano, conseguia dividir o meu interesse de uma forma bem harmônica. Ser leitor de "livro sério", como se diz, porque história em quadrinho é considerada... Agora não, tá começando a ter certo respeito, depois que o Alan Moore (*autor britânico de histórias em quadrinhos*) ganhou um prêmio de literatura nos Estados Unidos. Aí a *negada* começou a criar um pouco mais de respeito. Mas no meu tempo, não. Havia gente até que dizia que história em quadrinhos era coisa do diabo.

O que mudou? O que mudou é que hoje eu descobri que tem coisas absolutamente fantásticas na literatura convencional... Aliás, descobri, não: eu me conscientizei de que isso funciona muito bem, a literatura tem coisas fantásticas e os ensaios têm tudo o que eu preciso para continuar entendendo, para entender literatura e para entender quadrinhos. Hoje eu faço três tipos de leitura: literatura pura – sou doido por literatura pura! –, quadrinho e teoria. Teoria para entender essas outras duas. Não mudou muita coisa, só me ensinou que eu tenho de dividir meu tempo entre os três. Todo sagrado dia eu tenho de ler duas horas de James Joyce (*romancista irlandês, 1882-1941*) e eu não aguento mais, tomara que termine (*todos riem*). Mas eu faço isso agora como uma penitência.

Eu nunca terminei de ler a obra maior do James Joyce, o *Ulisses*, e eu estou tentando ler. O *Finnegans Wake* eu já abdiquei, não quero mais ler, não tenho competência para ler, mas vou terminar de ler aquele lá. Agora por que eu vou terminar de ler aquele lá? Porque eu preciso da relação que o Joyce usou no *Ulisses* – aquela brincadeira de mexer com o tempo, mexer com os personagens – para poder entender como é que isso funciona em quadrinhos, para tentar explicar – porque está na minha pesquisa – quando é



A turma em geral se impressionou com a jovialidade de Geraldo Jesuíno e gostou tanto da entrevista e do entrevistado que chegou a um consenso: "Queríamos que ele fosse nosso avô".

que literatura traz as características de quadrinhos e quando é que quadrinhos viram literatura? E quadrinho tá virando literatura, graças a Deus.

**Igor** – Mas quando é que quadrinho deixou de ser para você só diversão e virou também trabalho?

**Jesuíno** – Certa vez eu estava conversando com a minha mãe (*dona Neusa*) e ela me perguntou: “Meu filho, o que é que você faz?” Ela sabia que eu era professor da universidade, mas não sabia o que era que eu fazia lá. “Mamãe, eu dou aula de história em quadrinhos”. E ela chorou. “Meu filho, eu lhe dei tanta palmada pra você não ler aquilo”. A minha relação de leitor avulso, leitor curioso, para leitor profissional de quadrinhos aconteceu dentro dos muros daquela casinha ali, do outro lado, no curso de comunicação.

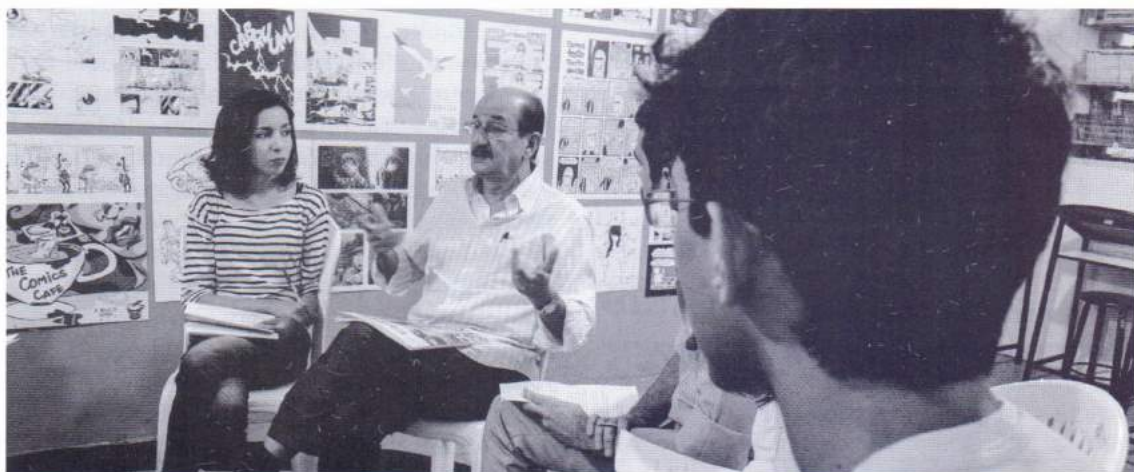
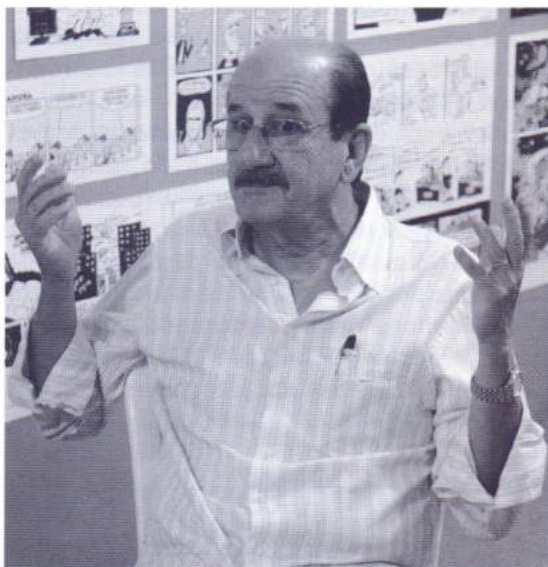
No dia em que a professora Adísia chegou e disse: “Jesuíno, topa dar uma aula de história em quadrinhos?” Eu disse: “Sim!” Mas o que eu estava jogando naquela brincadeira era um compromisso profissional. Agora eu não vou ler e entender do jeito que eu quero entender, não, eu vou ler do jeito certo que é para poder ensinar aos meninos do jeito certo. Essa foi a grande mudança, esse foi o grande divisor de águas, que transformou o Jesuíno de leitor de história em quadrinho, de curioso de história em quadrinho, em investigador de história em quadrinho. Separar o joio do trigo foi bom e foi ruim, porque antes eu lia indistintamente.

Depois que eu virei professor, que eu virei investigador, que eu comecei a levar as coisas mais a sério, eu tive de fazer uma triagem e fui ler o que tinha de mais sério em história em quadrinho. Fui descobrir mais coisas e cada dia fui fazendo uma seleção maior. Hoje eu leio pouco história em quadrinho, mas não posso me queixar do que eu leio. Eu leio coisas muito boas, enquanto esse trivial do mercadão do dia a dia eu não leio mais.

**Igor** – Mas em algum momento virou só trabalho?

**Jesuíno** – Nunca! Nem eu vou deixar. Eu acho que entre trabalho e perspectiva de vida existe uma relação de casamento, sabe? Paixão explosiva, amor, vigilância, respeito e amizade. Existe essa mesma coisa com trabalho. Quando você começa a ficar amigo de um trabalho, tá bom de você ceder o lugar para outro. Ou virar consultor. Aí você vira outra coisa e começa a ter paixão de novo e passar no ciclo outra vez. Eu nunca deixo que história em quadrinho vire a minha atividade principal, nunca!

Sempre junto com ela outras coisas, outros interesses, livros... Tem uma coisa que é altamente gratificante é quando alguém chega pra mim, aí me mostra um... “Jesuíno, dá uma lida nisso, me diz o que tu achaste”. Cara, isso é bom que só! Você não avalia o quanto que isso é bom. Eu não tô falando de “examina essa entrevista e faz a revisão dela”, não. Eu tô te mostrando uma coisa que surgiu do espaço... Se você cortar o



Devido à colaboração à modernização da Imprensa Universitária, por 12 anos, Jesuíno foi homenageado com uma placa que o resume: “Pioneiro da informatização”.

Geraldo Jesuíno contou que guarda em casa um livreto da época de menino quando diziam que os quadrinhos eram “coisa do diabo”. As histórias em quadrinhos eram, naquela época, como são os smartphones hoje em dia, comparou.

Ainda na faculdade, ele escreveu apenas duas reportagens. Nunca se identificou como "jornalista de batente" e não era essa a aspiração profissional dele.

corpo da pessoa todinho, você não encontra. Então, ele tá me entregando uma coisa que nasceu num lugarzinho escondido que só quem tem condição de entrar lá é gênio e Deus. E ele me entrega para eu dar uma lida e dizer para ele o que eu achei. E o que eu vou dizer para ele depende muito da relação que eu tenho com ele. Se for uma relação profissional, vai ser uma resposta seca, justa, sem muito floreio. Se for de amigo, vai ser muito pior, porque eu não posso ficar só na técnica, afinal de contas ele é meu amigo, se não tiver bom eu vou ter de dizer a ele que não tá bom. Senão eu não seria amigo dele. E, se tiver muito bom e eu tiver chance, eu vou fazer que nem o (*escritor argentino, 1899-1986*) Jorge Luís Borges, escrever embaixo: "Publique-se", como ele fez com Bioy Casares (*escritor argentino, 1914-1999*). É muito legal! Se ele for mais além: "O que tiver errado, corrija". Ai pronto... Sai, vai pra casa, toma tua cerveja, passa dois dias sem trabalhar, só... Flutuando, porque isso aí é o máximo que você pode conseguir.

Quando alguém escreve uma história em quadrinho e manda para mim: "Jesuíno, o que é que tu achas?" Ih, eu tô conhecendo o cara pela primeira vez, primeira vez que eu conheço esse cidadão, que ele tá me mandando as coisas para eu olhar, vou ter de mandar para ele uma coisa bastante comedida, com muito cuidado... Não. Segundo caso, o cara é meu amigo, é o (*quadrinista cearense*) Fernando Lima: "Cara, isso tá uma merda!" (*risos*) Ou: "Massa, cara, vai fundo! Segura as pontas, corrige isso, isso, isso, dá uma olhadinha nesse canto aqui... Toca em frente!" Faço é muito isso no *Facebook*.

**Ana Beatriz** – Jesuíno, existe um momen-

**"Quadrinhos é uma das coisas mais humanas que você pode fazer. Porque ela não escolhe público e ela também não escolhe casta pra fazer, né? Mas dar aula é talvez mais humano do que fazer quadrinhos."**

O bigode e os cabelos pretos fazem o professor aposentado não aparentar nem de longe ter 69 anos. Nas duas ocasiões em que estivemos com ele, estava sempre bem arrumado e perfumado.

to em que duas das suas paixões se encontram: a comunicação e os quadrinhos. Você consome jornalismo em quadrinhos? Como você avalia esse tipo de produção?

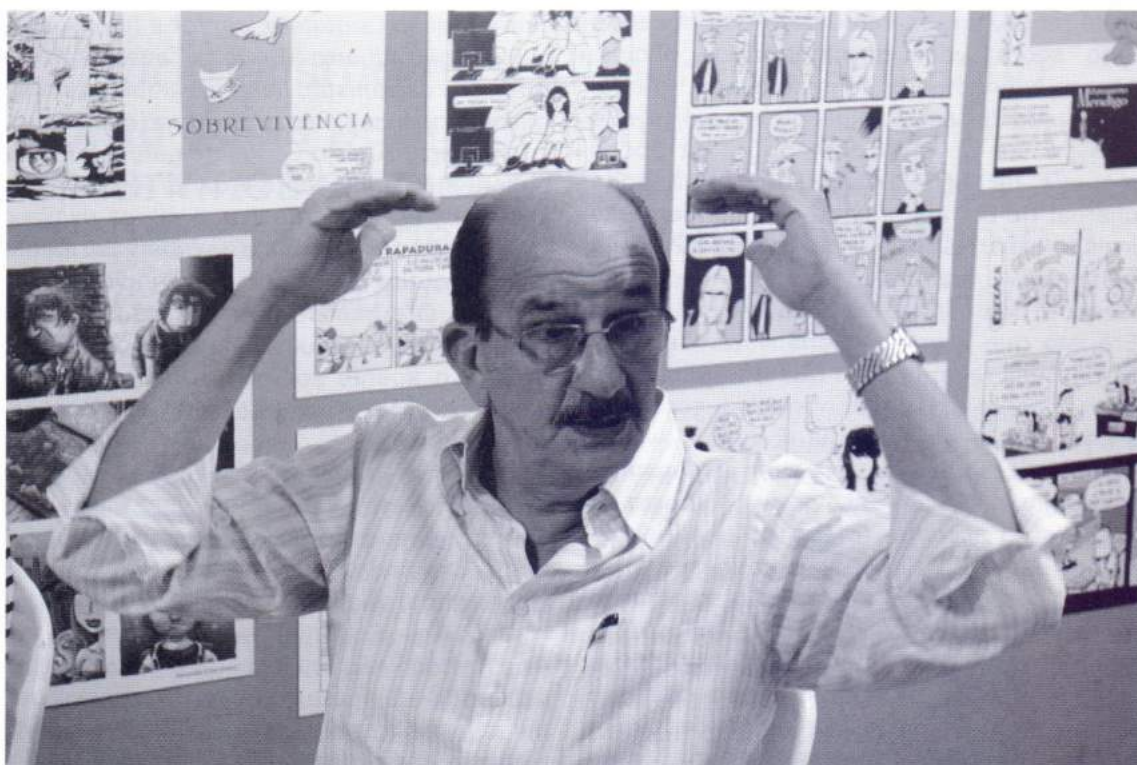
**Jesuíno** – Jornalismo em quadrinhos? Eu acho uma coisa perigosíssima! Jornalismo em quadrinhos é coisa para ser feita por pessoas de larga (*com ênfase*) experiência. Porque jornalismo é verdade pura e quadrinhos, paixão. Quando você mistura as duas coisas ou saem coisas infinitamente brilhantes ou sai coisa ruim. Não há como um criador... Eu estou separando as duas coisas. Jornalismo: coisa do nosso universo, coisa do que acontece aqui dentro. Ele existe aqui. Por isso que ele não é uma ciência. Ele não mexe com o espírito, ele mexe com a tua capacidade intelectual. Quadrinho mexe com tua criação. Ele mexe com você num espaço reservado aos criadores.

Então, é muito perigoso você fazer as duas coisas e não ceder a uma ou a outra. Existem algumas coisas que não podem ser passadas para a imagem, e, se podem, têm de ser passadas com muito cuidado porque de repente você pode criar uma falsa verdade, uma falsa imagem, você pode começar a confundir as coisas. Uma história que é real, uma reportagem que você está fazendo, que aconteceu – vamos conversar aqui acerca do menino que fez o cara da *Gillette* lá, do...

**Letícia** – "O corta-bundas"?

**Jesuíno** – Sim. Era "O corta-bundas", né? Por sinal eu fui da banca examinadora dele (*o quadrinista Talles Rodrigues, autor de Pânico no José Walter*). Fiquei pasmo lá! Inclusive, um dos meus questionamentos foi que ele não usou bibliografia nenhuma no trabalho dele e eu acho que ele deveria ter usado. Isso prova que o trabalho é na área do espírito mesmo. Ele pegou as reportagens do jornal, fez a pesquisa dele, mas não usou bibliografia nenhuma e poderia ter feito isso. Isso mostra o perigo que você tem de fazer. Ele criou um personagem meio em cima de personagens de quadrinhos americanos, aquele carinha com um cabelo meio espetado, meio rápido, muito ligeiro. Por que ele criou aquilo ali? Que direito ele tem de dizer que aquele cara era daquele jeito? Bom, ele criou uma imagem. Daqui pra frente, quem ler aquilo ali – e algumas pessoas só vão ler aquilo ali – não vai se preocupar com coisa nenhuma, com a pesquisa, com a história... Não vai investigar porque não é o trabalho dele. Ele lê aquilo ali como verdade porque o nome daquilo ali é reportagem em quadrinhos.

Não estou dizendo que o trabalho dele não é bom, não. O trabalho dele é excelente! É muito bom o trabalho do rapaz. Para mim foi uma coisa altamente gratificante ver



A segunda metade da entrevista ficou pequena para tantas perguntas sobre a relação que Jesuíno mantém com os quadrinhos.

o trabalho dele, a coragem que ele teve de fazer, defender uma reportagem em quadrinho. Agora, perigoso é. Muito! Na hora que vocês forem investir numa coisa dessas por aí, a minha recomendação é: procurem um consultor na hora de fazer quadrinhos – investigação jornalística vocês sabem de cor e salteado –, mesmo que aqui tenha algum quadrinista capaz de fazer isso. Mas nunca tenham o descuido de não pedir um consultor.

Como é que você vai poder trabalhar, como é que eu vou poder dizer que essa coisa funcionou desse jeito se eu nunca vi, se ninguém viu? E, se foi visto – eu quero fazer uma reportagem agora sobre um *serial killer* que, no final das contas, foi preso e a gente descobriu como era a cara dele –, como é que eu vou constituir a realidade tendo de deixar em *off* as pessoas que ele atingiu, porque não podem ser “queimadas” na reportagem, você não pode revelar, você tem de manter esquecido? E como é que você vai fazer num quadrinho, como é que você vai revelar? Vai deixar todas as figuras em quadrinhos com um textinho no rosto?

Reportagem em quadrinho é uma descoberta fantástica! Tenho lido algumas coisas fantásticas, algumas outras muito chatas. Quanto mais rigorosas elas são, mais chatas elas são, porque você substitui quase todas as imagens por imagens que não dizem nada, não podem dizer muita coisa, elas são proibidas de dizer porque você não vai materializar os fatos que aconteceram, você não viu, es-

tão no passado, não foi registrado. Você não pode fazer aquilo, mas você pode dizer.

**Letícia** – Geraldo, te interrompendo...

**Jesuíno** – Interrompa-me, por favor, porque aí eu vou longe, passo a noite...

**Letícia** – Mais ou menos por volta de 1985, você criou a Oficina de Quadrinhos. Eu queria saber quais eram as suas expectativas na época e o que já foi superado hoje em dia, vendo o corpo que o projeto tomou.

**Jesuíno** – (*Faz uma pequena pausa*) Hoje, eu tenho uma felicidade imensa em saber que tem uma Oficina de Quadrinhos que existe ainda, de saber que tem uns “doidinhos” aí que tomam de conta dela, que ela enveredou por um caminho diferente, talvez muito mais sério que o que eu pude impor. Mas eu guardo para primeira etapa um compromisso diferente: nós não tínhamos um compromisso de fazer uma oficina em quadrinhos em níveis acadêmicos, nós tínhamos o compromisso de fazer uma oficina de quadrinhos perto da comunidade, perto das crianças, perto das pessoas que... Não importava se você ia ser universitário ou não. De preferência até que não. Eu precisava de alguns para me ajudar a trabalhar, mas o que eu precisava era que a ideia de quadrinhos ganhasse a cidade ou que a cidade ganhasse os quadrinhos.

Nesse tempo aí a gente não tinha muitos compromissos de ementas, curso disso, curso daquilo... Eu não tô dizendo que agora... Eu acho que a gente tá no caminho certo. Depois que você dissemina a ideia,

Mesmo sendo um fã assumido dos quadrinhos mais antigos, como os do quadrinista Carlos Zéfiro, ele não deixa de manter-se atualizado lendo o que há de novo no universo HQ.

Jesuíno foi professor de Ronaldo Salgado, que foi professor de Ricardo Jorge, atual coordenador da Oficina. Em uma banca de monografia, eles estiveram juntos. Uma escadinha de gerações.

Você refina. E é exatamente o que tá sendo feito agora, você tá refinando a oficina, há um refinamento, tem curso de roteiro, tem curso de semiologia... Uma coisa que tem de ser seguida com rigor. Na época a gente fez aquela coisa que você pode chamar de brilhantemente ou queridamente irresponsável. O que a gente queria? Muita gente de braços dados conversando, fazendo, discutindo, rabiscando quadrinhos. Era isto que a gente queria: fazer de novo as pessoas lembrarem que no Ceará tinha tido história em quadrinho e ia continuar tendo, que a gente podia. E quem tivesse disposto e soubesse desenhar ia desenhar quadrinhos. Quem estivesse disposto a escrever ia escrever roteiro de quadrinhos. Quem estivesse disposto e soubesse fazer ou quisesse fazer ia fazer diagramação de quadrinhos. Quisesse ser crítico, ia escrever crítica de quadrinhos. A gente ia aproveitar todo mundo. E quem quisesse olhar quadrinho ia sentar numa cadeira e ler quadrinhos. Então essa, pra nós, era a oficina.

**Letícia** – Qual a importância ela teve e ainda tem na sua vida?

**Jesuíno** – A oficina... A oficina... Caramba! Foi uma coisa fantástica (*com ênfase*) na minha carreira porque, enquanto eu dava aula de quadrinhos pra vocês, estudantes do curso de comunicação, no outro dia eu podia estar com a comunidade, com os meninos que não tinham um centavo... Pra você ver como é que as coisas acontecem, eles não tinham dinheiro pra pagar o ônibus! Mas eles saíam lá de perto da Parangaba (*bairro*), de uma favela que tem perto do trilho do trem, e vinham andando para Oficina de Quadrinhos do Curso de Comunicação. Não pode existir coisa que estimule mais do que isso! E às vezes eu dava dinheiro pra eles poderem voltar. Uma vez eu dei dinheiro pra um deles comprar uma bermuda porque ele não tinha como vir pra cá. Poxa vida! Pra mim aquilo era o *top* da glória!

Eles estavam vindo porque isso funcionava, porque não tinha em lugar nenhum, só tinha aqui e a gente abria a porta pra eles e os caras eram bons, os caras eram bons! Funcionava, dava retorno. Eu só perdi um do pessoal que entrou lá. Não pôde continuar e lastimavelmente entrou no negócio de drogas e a moçada resolveu encurtar a vida dele. Lastimavelmente a gente não pode segurar tudo, *né?* A oficina marcou um tempo na minha vida, foi uma coisa fantástica!

Eu não teria feito a oficina se não fossem as pessoas que me ajudaram – isso eu não tenho dúvida nenhuma, eu não teria conseguido fazer. O curso de comunicação deve a ofi-

cina a Falcão (*arquiteto, cantor e humorista*), Lupin (*João Alberto Nogueira Tavares, artista gráfico e cartunista*), Jane Malaquias (*videomaker e cineasta*), Fernando Lima (*quadrinista e jornalista*), Aloísio Gurgel (*ex-aluno*), Flávio de Independência (*em verdade, Flávio Paiva, jornalista, escritor, músico, à época usava o pseudônimo Flávio d'Independência*), Paulo César Moreira (*ex-aluno*), Vil Figueiredo (*ex-aluno*)... O curso de comunicação deve ao Jesuíno? Deve. Jesuíno foi quem formalizou, ele era o agente social que fez essa coisa acontecer. Mas quem fez a oficina foram esses "doidos" aí.

**Messias** – Quando assumiu a disciplina de História em Quadrinhos, você disse que o principal desafio era investigar os quadrinhos. E quando foi formalizada a Oficina de Quadrinhos, qual era o principal desafio?

**Jesuíno** – Continuar investigando, manter – nesse caso não era investigação, porque eu não podia dar esse trabalho a pessoas que nunca tinham estudado –, mas era preservar a cultura das histórias em quadrinhos no Ceará. Esse era o principal mote. Vamos fazer a história em quadrinhos, vocês têm a liberdade de fazer a história em quadrinhos que quiserem. Agora, eu vou tentar de todas as formas possíveis e imagináveis para que vocês façam histórias em quadrinhos cearenses. Para que vocês consigam colocar o cenário do Ceará no meio do que vocês produzem seja no desenho, seja na mensagem, seja no que for. Mas nós vamos tentar. E isso a moçada que cuidava da oficina sabia de cor e salteado.

A gente ia brigar fundo e, se a gente não conseguisse, a gente ia tentar ficar investigando. Cada dez horas de aula que a gente

---

“Desenhe até nas unhas. Em todo canto que puder. Desenhe. Se alguém chegar dizendo: ‘Teu desenho é ruim’, desenhe de novo. Mostre outra vez até o dia em que ele vai dizer: ‘É, não tá tão ruim’”.

---

Foi de Jesuíno que surgiu a ideia de montar um laboratório de informática no curso de comunicação. A ideia inicial era ter 20 computadores. Ele apresentou o projeto à IBM e conseguiu dois.

---

“Jornalismo em quadrinhos? Eu acho uma coisa perigosíssima! Jornalismo em quadrinhos é coisa pra ser feita por pessoas de larga experiência. Porque jornalismo é verdade pura e quadrinhos é paixão.”

---

dava, cada coisa que a gente fazia – a gente às vezes tinha de pegar na mão dos meninos –, cada personagem que a gente estabelecia, a gente mostrava um cearense. A gente mostrava o Mino (*cartunista cearense da velha geração, criador de quadrinhos, um dos principais o Capitão Rapadura*), o Sinfrônio (*chargista cearense, atua ainda hoje no Diário do Nordeste, um dos principais jornais do Estado*), a gente mostrava o pessoal que fazia história em quadrinhos no Ceará, sempre trazendo o universo da história em quadrinhos para mais próximo.

**Letícia** – Jesuíno, das pessoas que passaram pela Oficina de Quadrinhos, muitas hoje trabalham e vivem só disso, são artistas bons e conhecidos. Qual é o seu sentimento ao perceber que essa oficina teve importância não só na sua vida, mas na vida de tantas outras pessoas?

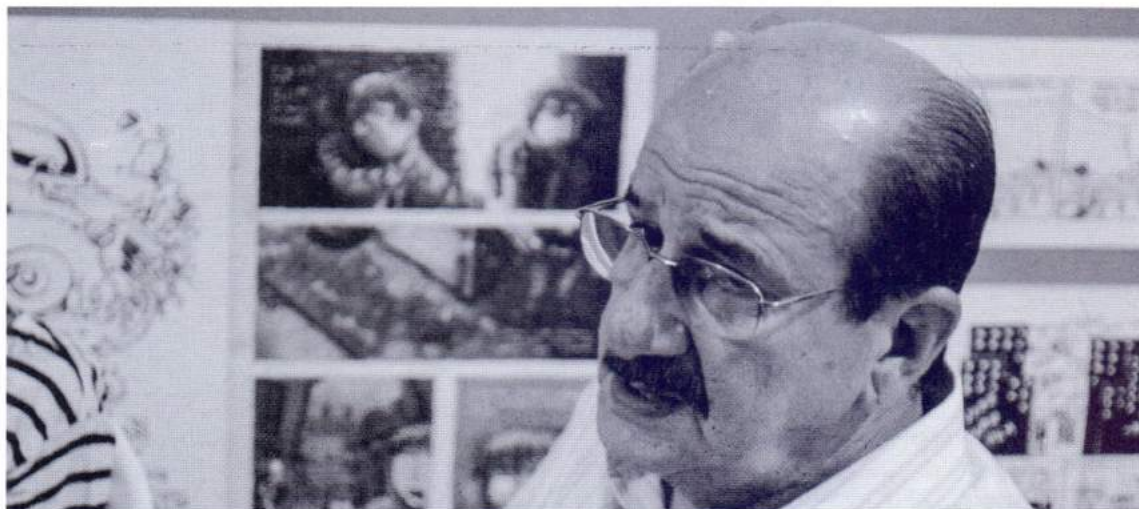
**Jesuíno** – É muito legal, precisa às vezes até a gente ter um pouco de semacol para não deixar subir à cabeça, sabe? Mas é muito bom você ver hoje que o Weaver (*o artista plástico e quadrinista Weaver Lima*) tá comendo à custa disso... Não tô dizendo que ele tá fazendo história em quadrinhos, mas começou por aí. Balançou a cidade toda com *Seres Urbanos* (*coletivo cearense especializado em quadrinhos e fanzines*), ele e o Marílio (*Silva Nascimento*). Balançaram a cidade

toda: fizeram exposição, lançaram um livro, fizeram o escambau. Desenha para fora, para os Estados Unidos.

Hoje quem não desenha para os Estados Unidos tá morrendo de fome. Daniel Brandão (*quadrinista, ex-aluno do curso*) tem o estúdio dele e eu acho que pela primeira vez ele está colhendo alguma coisa do que faz aqui. Porque ele tá seguindo no mesmo passo do Maurício (*de Sousa*). O Maurício desenhava a Mônica, que é a filha dele, e ele (*Daniel*) tá desenhando a Alice, que é a filha dele. Ele tá investindo aí e tá conseguindo alguma coisa, espero que ele esteja ganhando algum dinheiro. Mas ele ganha dinheiro mesmo é ensinando quadrinhos.

Daniel Brandão tem um estúdio, ele ensina a fazer quadrinhos e ele começou por aqui. Ele começou na disciplina de História em Quadrinhos, ele começou na Oficina de Histórias em Quadrinhos, ele começou fazendo uma monografia sobre história em quadrinhos, ele começou comigo e não terminou, não concluiu. Aí ele foi embora (*passou uma temporada nos Estados Unidos*), depois voltou e fez com o Ricardo Jorge (*professor da UFC e atual coordenador do projeto da Oficina em Quadrinhos do curso*), eu já não tava mais aí. Terminou a monografia dele (*de conclusão da graduação*) sobre história em quadrinhos. É muito legal você ver JJ (*João Mar-*

Ao lado de Walber Feijó, João Belo Jr. e Júlio César Belo, egressos da oficina, lançou em 1999 a HQ “Onde a Lua fez a Curva”, que fala da Teoria da Relatividade de Einstein. Para isso foi criado até um personagem para narrar a história, o Sobralito.



Além da leitura, da música, do cinema e da jardinagem, outro hobby de Jesuíno é escrever poemas.

Apaixonado pela família, o entrevistado não troca as reuniões com os irmãos nas noites de domingo por nenhum outro programa, hábito que conta com orgulho e felicidade.

reio), Fernando Lima, Paulo César Moreira, essa moçada toda que investiu e conseguiu. E isso eu tô falando da antiga guarda, da moçada que começou. Dos demais eu nem sei quantos estão correndo por aí.

Tem um que um dia desses ligou para mim – engraçado! –, disse: “Rapaz, eu sou capitão do Corpo de Bombeiros”. Eu disse: “Rapaz, que coisa boa, meus parabéns...” “Mas tu sabes o que é que eu faço? Eu desenho história em quadrinhos no jornal lá dos Bombeiros (r). Ou seja, história em quadrinhos começou a ganhar alguns espaços que não tinha. Começou a ser *credibilizada*. E eu acho que o grande legado não ficou só naquele instante em que a oficina começou.

O grande legado ficou num livro que foi gerado aqui dentro chamado *Reportagem em Quadrinhos* – alguém começou a acreditar nisso. O grande legado ficou nessa moçada que tá fazendo o mercado lá fora, embora não seja com o nome deles, seja com o nome de outras pessoas ou tenha sido pulverizado por meio da divisão do trabalho, onde eles só desenham a figura; outro vem e só desenha o *background* a lápis; o outro vem e bota a tinta da figura; o outro vem e bota a tinta no *background*; o outro bota a cor... Doze, 13, 14 pessoas para fazer uma historinha. E hoje, quando você fala em história em quadrinhos no Ceará, ela já existe.

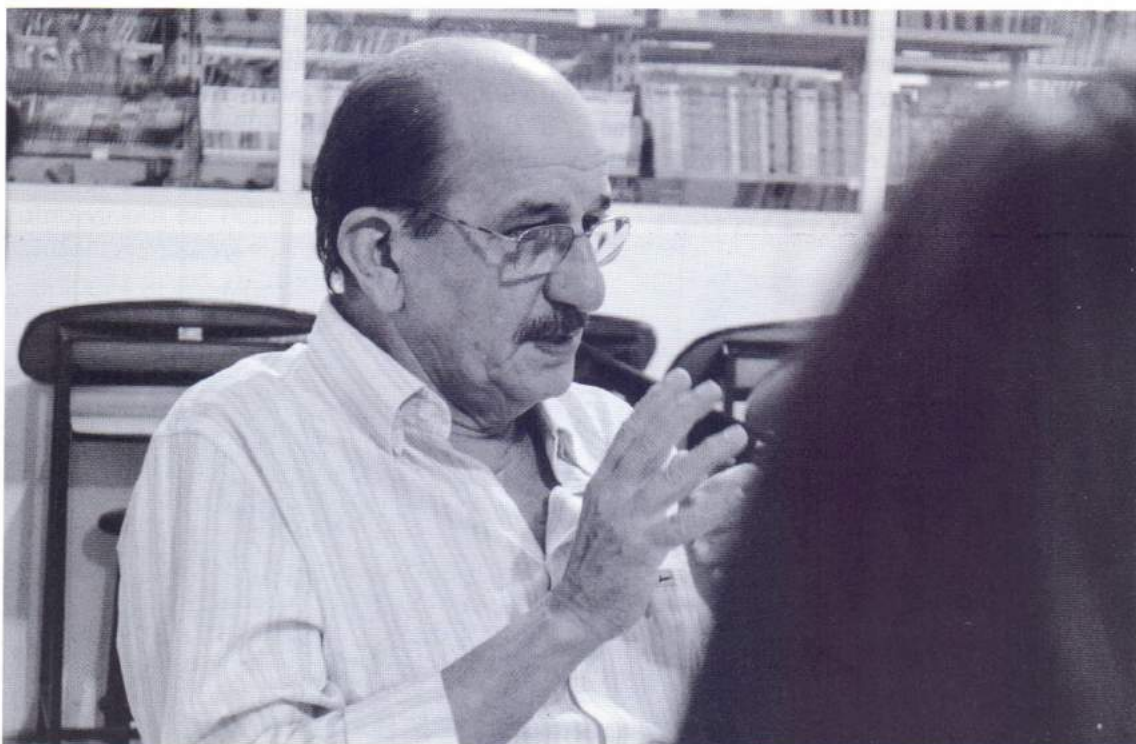
No tempo em que a gente começou a oficina, tinha no Rio Grande do Norte, tinha na Paraíba, para contar os que estavam mais próximos. Sem contar São Paulo, esse pessoal mais... No Piauí tinha e no Ceará esta-

va isolado, mas existia. Os únicos dois que tinham feito alguma coisa mais consistente eram o Sinfrônio e o Mino, e, mesmo assim, tinham largado porque não tinham nenhum investimento.

**Larissa** – Você falava há pouco que, no início da oficina, o objetivo era que os quadrinhos tomassem a cidade ou que a cidade se apropriasse dos quadrinhos. O que ainda precisa ser feito para que seja mais difundido?

**Jesuino** – (*Suspira*) Se eu pudesse, tivesse energia e não já tivesse passado de determinado tempo, eu começaria tudo de novo, eu faria de novo outra oficina. Aquela dali eu seguraria, talvez eu até ampliase o número de vagas dela, porque eu iria criar teóricos e gente de nível para poder conversar (*sobre*) quadrinhos, discutir quadrinhos, questionar quadrinhos, fazê-los evoluir. Mas eu abriria uma oficina de quadrinhos do mesmo jeito que eu abri a primeira: para que quem não tem dinheiro de pagar o estudo com o Daniel pudesse vir pra cá; para quem não tem uma roupa legal para vestir pudesse vir com bermuda e camiseta para cá, fazer quadrinhos; quem não tem lápis nem papel pudesse receber da gente aqui e fazer quadrinhos. Não sei se vocês estão entendendo, mas não era essa coisa de: “Ah, vamos fazer um *projeto* e tal...” Não é por aí, não. Eu não tenho o mínimo interesse político com isso. Quem quer vai lá. Não é você levar a coisa de graça, levar para dentro das escolas e oferecer a quem não quer. Era uma coisa mais seletiva.

No meio desse pessoal aí que não é co-



A parede da Gibiteca de Fortaleza, onde aconteceu a entrevista, é repleta de obras de quadrinistas cearenses, inclusive de Geraldo Jesuíno.

nhecido e não tem grana, tem gênio, tem gente muito boa que não pode acompanhar um pico mais alto porque não teve oportunidade ainda. Eu tentaria corrigir um erro que eu cometi que foi manter a Oficina de Quadrinhos muito dentro da universidade e não fazer a ligação dela com os outros centros de quadrinhos que existem no Ceará. O meu tempo era tão curto – eu tinha aula a semana toda, no sábado eu vinha pra cá às sete horas da manhã e saía às duas da tarde. Eu não tinha como ficar indo a Limoeiro, ao Crato (*municípios no interior cearense onde há produção de quadrinhos*), (ao Estado do Piauí, tentar fazer essa ligação mais estreita, principalmente no Ceará. A turma do Piauí é doida para vir pra cá e agora tá começando a vir, mas é um movimento alternativo que o Ricardo Jorge não pode receber lá dentro porque eles não podem ficar frequentando o curso aqui.

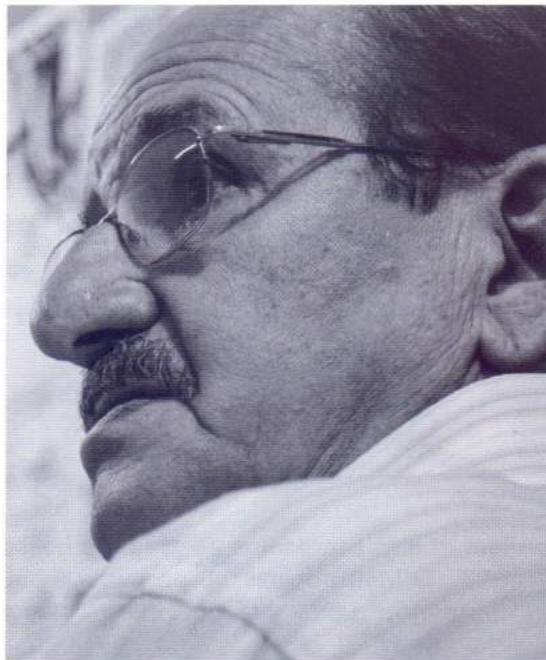
A gente poderia ter feito essa aproximação maior e isso eu não fiz, eu não consegui fazer, nós não conseguimos fazer. Eu tentaria corrigir isso. Eu criaria a oficina outra vez com o aval da UFC. Porque, na minha avaliação, a UFC ainda é isenta, íntegra e apolítica. Ela passa por cima disso tudo. Cada um pode ter a sua posição, mas na hora de fazer a universidade nós fazemos universidade, nós fazemos academia. Então, era deste jeito que a gente fazia a oficina: a gente não vendia o nome, não vendia o trabalho, não vendia ideologia, não vendia nada. Era a Oficina de Quadrinhos do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará. E eu faria tudo de novo.

**Igor** – Geraldo, você disse anteriormente que não fez medicina por achar desumano. Os quadrinhos foram a parte mais humana que você encontrou na sua carreira?

**Jesuíno** – Uma delas. Quadrinhos é uma das coisas mais humanas que você pode fazer. Porque ela não escolhe público e ela também não escolhe casta para fazer, né? Mas dar aula é talvez mais humano do que fazer quadrinhos. Cara, é muito bom você saber de uma coisa e saber que sabe e saber que vai fazer você amanhã saber também. Isso é impagável, isso não tem preço! Essa história de você... Eu não sabia, alguém ontem me fez uma pergunta, hoje eu sei, amanhã ela vai fazer parte da minha disciplina, todo mundo vai saber. Isso é mágico!

**Letícia** – Como foi deixar a oficina e como é que você mantém a relação com ela, mesmo de longe?

**Jesuíno** – Eu não deixei a oficina, a oficina me deixou. Aliás, nós não deixamos a oficina, não existia um “eu”, existia um “nós”. Quando eu não estava, eles estavam. Nós capitula-



Ele esteve presente na banca de monografia do jornalista e quadrinista Talles Rodrigues, indicado ao prêmio HQ Mix pelo título *Mayara & Anabelle*, considerado o Oscar dos quadrinhos brasileiros.

---

“Eu precisava era que a ideia de quadrinhos ganhasse a cidade ou que a cidade ganhasse os quadrinhos.”

---

mos para o progresso. Eu, toda vida defendi o progresso, a evolução, nós capitulamos para o progresso. O Metrofor (*Metrô de Fortaleza*) passou por cima da nossa oficina.

A verdade é que, de um dia para o outro, nós descobrimos que a sala iria ser demolida. E demoliram. Simplesmente tiraram as coisas de dentro, ninguém perguntou nada, ninguém perguntou o que estava acontecendo ali, por que aquelas coisas estavam ali, por que tinha aquele monte de pranchetas que nós conseguimos com trabalho e guerra! (*Fala quase gritando, para enfatizar*). Porque o Curso de Comunicação até pouco tempo era considerado um cursinho menor, só era maior na procura (*na concorrência dos antigos vestibulares*). Como uma vez eu disse a um professor, ele disse: “Ah, nós vamos ceder isso aqui para aquele cursozinho de...” (*Faz gestos com as mãos e a boca em caráter depreciativo*) E eu disse: “É, mas o teu cur-

Geraldo Jesuíno é considerado, por muitos, como um dos expoentes das histórias em quadrinhos no Ceará, por ser um precursor no fomento à arte e na formação de talentos que despontaram no mercado regional, nacional e internacional.



Recentemente, Jesuíno editou o livro *Hoje e o tempo passado – O encontro com as lembranças*, que traz aquarelas do artista plástico Estrigas.

---

## “O que a gente queria: muita gente de braços dados conversando, fazendo, discutindo, rabiscando quadrinhos.”

---

so tem quatro candidatos por vaga, o nosso tem 27”. O Metrofor passou por cima e não se perguntou aonde era que iriam colocar aquilo tudo lá.

**Letícia** – E depois que a sala foi demolida, como foi que esse projeto foi continuado?

**Jesuíno** – Foi demolido, nós paramos. Eu não pude mais continuar, estava na Imprensa (*Universitária, como diretor*). Quando eles passaram por cima, que eu vi o descaso, que eu vi ninguém se interessar, (*como se pensassem:*) “Não foi uma coisa grave.” Pode não ter sido, mas me pareceu assim. Ninguém tomou providência. Eu ainda tentei, mas o curso não tinha condições de me oferecer um espaço para botar a oficina. Foi aquela história do desencanto, sabe? De eu sair do meu estado hipnótico. Acabou a festa. O que eu vou dizer para o pessoal? Nada. Algum tempo depois surgiu a ideia – e aí, sim, a gente descobre que fez (*o curso*) alguma coisa –, surgiu a ideia dos alunos de recriarem a oficina, aí chamaram a gente – eu, Daniel, Fernando, Weaver, JJ – para vir treinar o pessoal que iria cuidar da próxima oficina. E nós viemos. Polêmica, coisa superlegal, nós não nos preocupamos sobre qual era o rumo que iria ser tomado, a gente simplesmente se preocupou em dizer: “Bom, é isso que nós temos de história em quadrinhos, é isso que nós fizemos, a realidade é essa aqui, história em quadrinhos se faz desse jeito”. Foi a nossa parte.

A gente não queria interferir em como era que ela iria ser feita. Graças a Deus, o Ricardo Jorge... Precisava de um mentor, um padrinho, aquele *corpus* social e institucional que iria dar nome a uma oficina. E o Ricardo Jorge topou. Eu acho que, a princípio, ele topou sem saber muito o que estava fazendo, depois ele se tocou de que o negócio era um pouco mais sério. E virou isto que vocês estão vendo agora: uma oficina montada, num nível bastante alto. Eu tenho até vontade de me inscrever lá para fazer tudo de novo. Mas

foi legal saber que a gente pôde fazer a primeira e sentar a base para fazer a segunda.

Dei aula ao Ricardo Jorge e dei aula a essa moçada toda, treinamos o pessoal e eles continuaram. Minha relação com ela agora é: bato palmas todo dia que eu posso. E toda vida que eu sou chamado, chego junto. Agora é minha hora de ficar longe e ver como é que as coisas acontecem. Se precisarem de mim, eles me chamam. E eu vou estar à disposição, sempre.

**Lucas** – Na sua vida, quais foram os grandes títulos, quais os grandes autores que o inspiraram?

**Jesuíno** – Em quais áreas?

**Lucas** – Das histórias em quadrinhos, em geral.

**Jesuíno** – O Will (*Erwin*) Eisner (*americano, falecido, por mais de 70 anos fez quadrinhos, 1917-2005*) é um grande cara, me inspirou muito. Eu sempre tive uma atração muito grande por autores que trabalharam em cima do nonsense. Tem um cara chamado Juarez Machado (*artista plástico brasileiro, desenhista, caricaturista, mímico, designer, escritor, cenógrafo*), era capaz de fazer uma história em quadrinhos onde você estava dentro de casa e, de repente, um trem passava pela sua sala. Era um homem que fazia quadrinhos do inconsciente.

Esses autores que fizeram quadrinhos mais *nonsense* – menos *porrada*, mais *cabeça* –, esses me influenciam muito mais. David Mazzucchelli (*quadrinista norte-americano*) me influenciou um bocado porque dentro das histórias do Demolidor ele mexia com algumas coisas que não eram puramente *porrada*.

**Camila** – O que você diria com toda a experiência acumulada na oficina a um jovem quadrinista?

**Jesuíno** – Desenhe até nas unhas. Em todo canto que puder. Desenhe. Se alguém chegar dizendo: “Teu desenho é ruim”, desene de novo. Mostre outra vez até o dia em que ele vai dizer: “É, não tá tão ruim”. Aí você vai começar a avaliar e ver: “Já não sou tão ruim”. Continue desenhando. Aproxime-se de quem pode lhe ajudar, não tenha medo de pedir, leia tudo o que você puder sobre quadrinhos e não desista. Desenhe no chão, no braço, nas unhas, na cabeça. Principalmente na cabeça!

Desde o primeiro contato, Geraldo Jesuíno ficou muito feliz por saber que havia sido selecionado. Na primeira conversa pessoalmente, revelou um anseio: “Eu esperava ser entrevistado um dia”.